

Jesus

O Nome Sobre Todo Nome



Edward Dennett

O Nome Sobre Todo Nome

Edward Dennett

Título do original em inglês:

The Name Above Every Name – Edward Dennett

Primeira edição em português – abril de 2024

Originalmente publicado eletronicamente por:

BIBLE TRUTH PUBLISHERS

59 Industrial Road, Addison, IL 60101

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Traduzido, publicado e distribuído no Brasil com autorização dos editores da versão original em língua inglesa por **ASSOCIAÇÃO VERDADES VIVAS**, uma associação sem fins lucrativos, cujo objetivo é divulgar o evangelho e a sã doutrina de nosso Senhor Jesus Cristo.

Contato: atendimento@verdadesvivas.com.br

Abreviaturas utilizadas:

ARC – João Ferreira de Almeida – Revista e Corrigida – SBB 1995

ARA – João Ferreira de Almeida – Revista e Atualizada – SBB 1993

TB – Tradução Brasileira – 1917

ACF – João Ferreira de Almeida – Corrigida Fiel – SBTB 1994

AIBB – João Ferreira de Almeida – Imprensa Bíblica Brasileira – 1967

JND – Tradução Inglesa de John Nelson Darby

KJV – Tradução Inglesa King James

Todas as citações das Escrituras são da versão ARC, a não ser que outra esteja indicada.

Qualquer sugestão de correção será bem-vinda.

O Nome Sobre Todo Nome

Edward Dennett

Parte 1 – O Nome Inefável

É evidente, mesmo para o leitor comum das Escrituras, que a revelação que Deus teve o prazer de fazer de Si mesmo é gradual e progressiva. Agora os crentes andam na luz, como Ele está na luz; mas antigamente nuvens e trevas estavam ao Seu redor, e necessariamente tinha que ser assim enquanto a justiça e o juízo fossem a base de Seu trono (Sl 89:14). Mas quando Cristo consumou a obra da expiação, glorificando a Deus em tudo o que Ele é, tendo sido feito pecado por nós, o véu por trás do qual Deus havia habitado, e que O havia escondido de Seu povo, foi rasgado em dois, de cima a baixo, e Deus pôde justamente gratificar Seu próprio coração em sair em plena manifestação do que Ele é conforme revelado em Cristo na base da redenção. Estas são verdades cardeais e fundamentais, e são declaradas como preparatórias para uma breve consideração dos vários nomes de Deus sob os quais Ele Se revelou nas várias dispensações encontradas nas histórias do Velho Testamento. Que Deus é o mesmo em natureza e atributos tanto no Velho quanto no Novo Testamento; que, em outras palavras, Ele é imutável, é uma necessidade das perfeições do Seu Ser divino; mas ainda é verdade que os aspectos sob os quais Ele é apresentado em diferentes épocas variam, e são esses aspectos que estão incorporados em Seus diversos nomes.

ELOHIM é, como frequentemente observado, o nome comum para Deus, visto como o Ser divino com Quem os homens, como homens, têm que tratar, e como Aquele a Quem eles são responsáveis. É uma palavra plural. O singular é Eloah, e esta forma é frequentemente usada, especialmente no livro de Jó. Os pagãos às vezes usavam a palavra para designar suas divindades,

e sem dúvida desse fato surge a questão no Salmo 18:31; **"Pois Quem é Deus [Eloah] senão o Senhor [Jeová]? E Quem é o rochedo senão o nosso Deus [Elohim]?"** Ou seja, o verdadeiro Eloah era Jeová, e a única rocha era Elohim. A razão para o uso da palavra plural (Elohim) é explicada de diversas maneiras. Há aqueles, como seria de esperar, que afirmam que é simplesmente, de acordo com o uso hebraico, um plural de excelência, que a palavra nesta forma transmite a excelência ou as perfeições d'Aquele de Quem se fala; há outros que sustentam que a intenção divina é estabelecer a Trindade, a unidade da Divindade nas três Pessoas da Divindade – o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Em apoio a isto, o leitor devoto não deixará de notar a linguagem de Gênesis 1:26: **"E disse Deus: Façamos o homem à Nossa imagem, conforme a Nossa semelhança"**. Na verdade, visto que o termo expressa tudo o que Deus é, todas as Pessoas da Divindade devem ser incluídas.

É bem verdade que isso não pôde ser compreendido na época. Na verdade, não foi até o batismo de nosso bendito Senhor que toda a verdade da Trindade foi revelada. Então Deus falou desde o céu, Seu Filho amado estava na Terra, e o Espírito Santo desceu e habitou sobre o Filho. Mas agora que a plena revelação de Deus foi feita, e veio o Espírito Santo, que penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus, podemos retornar, conforme guiados e ensinados por Ele, e descobrir muitas coisas que não poderiam antes ter sido entendidas. Um dos perigos do momento presente é que as Escrituras do Velho Testamento estejam sendo limitadas à luz que possuíam na época em que foram dadas. A verdade é que o seu significado latente só pode ser apreendido quando retornamos nosso olhar para elas a partir do pleno brilho da luz do Cristianismo. Não há qualquer incongruência, portanto, em afirmar que Deus escolheu a palavra especial Elohim para expressar a verdade da Trindade. Por exemplo, lemos em Gênesis que Deus criou o céu e a Terra; e no Evangelho de João é dito do Verbo, o Verbo que depois Se fez carne: **"Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez"**. Sabemos,

consequentemente, que o Filho eterno está compreendido na palavra **"Deus"** em Gênesis; e ao ponderarmos sobre isso, aprendemos mais sobre a glória da Pessoa de nosso Redentor.

Aos patriarcas, Deus Se deu a conhecer sob outra denominação. A primeira menção disso é encontrada em Gênesis 17:1: **"Apareceu o SENHOR a Abrão e disse-lhe: Eu Sou o Deus Todo-poderoso"**; isto é, EL SHADDAI – Deus Todo-Poderoso. Mas diz-se que o significado da palavra *El* é força, onipotência; e *Shaddai* é considerado por alguns como significando a mesma coisa, enquanto outros preferem a tradução de todo-suficiente ou autossuficiência. A combinação das duas palavras, em ambos os casos, implica atributos divinos, pois a onipotência e a total suficiência só podem ser encontradas em Deus. Estas duas palavras são usadas, por exemplo, na passagem: **"Falou mais Deus a Moisés e disse: Eu Sou o SENHOR. E Eu apareci a Abraão, e a Isaque, e a Jacó, como o Deus Todo-Poderoso [El Shaddai]; mas pelo Meu nome, o SENHOR [Jeová] não lhes fui perfeitamente conhecido"** (Êx 6:2-3). (Veja também Gênesis 28:3; 35:11, etc.) Quando a palavra **"Todo-Poderoso"** aparece sozinha em nossa tradução, ela geralmente representa Shaddai. Há uma bela combinação deste nome com o de Jeová em 2 Coríntios 6: **"Eu vos receberei; e Eu serei para vós Pai, e vós sereis para Mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-poderoso"**. O Deus que era conhecido por Abraão como *Shaddai*, e por Israel como *Jeová*, era agora declarado como Pai naquele relacionamento íntimo e bendito no qual, em Sua preciosa graça, Ele havia levado Seu povo em associação com Cristo.

Pelo que já foi dito, será entendido que JEOVÁ é o nome que Deus tomou especialmente no Seu relacionamento sob o concerto com Israel. Como o leitor pode facilmente verificar, não é que a palavra não tenha sido usada antes de Deus comunicá-la a Moisés, mas agora foi empregada pela primeira vez em conexão com a nação escolhida. As seguintes observações podem ajudar nisso: "Em Gênesis 2 e 3 era de toda importância conectar Jeová, o Deus nacional de Israel, com o único Criador, Deus. Assim, em

Êxodo 9:30, o Deus dos hebreus, cujo nome era Jeová, é declarado *Elohim*. Por outro lado, Jeová é um nome, Elohim, um ser; somente Jeová é Elohim, mas o primeiro é um nome pessoal – o nome que Ele adotou em Suas tratativas e relacionamento com os homens, mas especialmente com Seu povo. A palavra significa *Aquele que existe por si mesmo* e, como alguém observou, é traduzida de forma prática: **“Aquele que é, e que era, e que há de vir”**. Derivada do verbo “existir”, expressa a eternidade e, conseqüentemente, a imutabilidade, de Seu Ser; e assim traz diante de nossa alma Aquele que é eternamente, que existiu antes de todos os tempos, perdura por todos os tempos e continua depois que todos os tempos passaram. Ele é, portanto, o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, o Primeiro e o Último; e o uso dessas expressões (Ap 22:13) prova, além de qualquer contradição, que o Jesus do Novo é o Jeová do Velho Testamento.

El foi mencionado em conexão com Shaddai, e também é usado com ELION, sendo então traduzido como **“Deus Altíssimo”**. Um exame dos vários lugares onde este nome é encontrado mostrará que é o “nome milenar de Deus acima de todos os deuses idólatras, e demônios, e de todo poder”. É neste caráter que se diz que Deus é **“Possuidor dos céus e da Terra”** (Gn 14:18-19). Por isso, Nabucodonosor deveria estar sob o julgamento de Deus até que soubesse **“que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens e o dá a quem quer”**; e que esse fim foi cumprido é visto no fato de que, quando seu entendimento retornou, ele abençoou o *Altíssimo*, etc. (Dn 4:25-34). Balaão da mesma maneira usa esse título quando está prestes a falar da glória futura e supremacia de Israel entre as nações. No Salmo 91 é encontrado em conexão com Shaddai (o Todo-Poderoso). Diz: **“Aquele que habita no lugar secreto do Altíssimo [Elion], habitará à sombra do Todo-Poderoso [Shaddai]”** (Sl 91:1 – JND). No Salmo 47:2 é visto em combinação com Jeová; e é acrescentado: **“Rei grande sobre toda a Terra”**. Esses exemplos são interessantes porque provam

que é Deus, o único Deus, quem Se revela aos homens sob esses diferentes nomes em distintos relacionamentos.

A maioria dos leitores das Escrituras está familiarizada com o termo ADONAI como outro nome divino. É traduzido em nossa versão como Senhor, mas geralmente é diferenciado de Jeová, que também é traduzido como SENHOR, pelo uso de letras maiúsculas e minúsculas. Ele significa, quanto à raiz da palavra, Mestre, Governante ou Possuidor; mas a forma Adonai é usada apenas para Deus, e d'Ele como Alguém que assumiu o poder e está no relacionamento de Senhor com aqueles que invocam Seu nome. É, portanto, especialmente aplicado a Cristo em Sua exaltação à direita de Deus. Isso pode ser visto em uma referência ao Salmo 110 e na citação que o Senhor faz dele ao consolar Seus adversários. **" Disse o Senhor [Jeová] ao Meu Senhor [Adonai], Assenta-Te à Minha mão direita, até que ponha os Teus inimigos por escabelo dos Teus pés"** (v. 1). Em Mateus 22, o Senhor aplica expressamente esta Escritura a Si mesmo, a Si mesmo como Cristo, o Messias (vs. 42-44), e a emprega para demonstrar que o Filho de Davi também era o Senhor de Davi, que, em uma palavra, Ele era a Raiz e também a Descendência de Davi. Em Gênesis 15:2 Abraão se dirige a Deus, não como dado na versão Almeida Corrigida, **"Senhor JEOVÁ"**, mas como Adonai Jeová. Este exemplo será suficiente para mostrar mais uma vez que todos estes nomes divinos são usados para o Deus Único, mesmo o de Adonai, que é especialmente reservado para Cristo em Sua exaltação nas alturas. (O caráter completo de Adonai de nosso bendito Senhor é apresentado em Filipenses 2:9-11).

Existem outros títulos divinos que bastarão mencionar para consideração do leitor. Nos livros poéticos, "JAH" é frequentemente empregado, e é esta palavra que está incorporada no termo Aleluia, ou "Louvado seja Jah". O seu significado não foi determinado; geralmente é considerado uma forma abreviada ou poética de Jeová. Depois, há as palavras que Deus usou ao enviar Moisés para a libertação de Seu povo; a primeira é dada como **"EU SOU O QUE SOU"**, e o segundo como

"EU SOU". Ambas são formas da mesma palavra, significando existência; a primeira é às vezes, e talvez com razão, traduzida, *"Eu Serei o que Serei"*. O pensamento expresso em ambas é semelhante ao significado de Jeová (e necessariamente vem do mesmo verbo) e fala de ser ou existência imutável. Há ainda outro termo, não em si mesmo, talvez um nome ou título divino, mas um que, a partir de sua aplicação frequente e especial a Deus, quase deve ser considerado assim. É *ATTA HU* (em hebraico), e é encontrado em frases como, Tu és Ele, etc. O equivalente é empregado em Hebreus 1, **"Tu és o mesmo"** (v. 12), que de fato é dado como a tradução de *ATTA HU* no Salmo 102:27. Esse termo também fala, como será imediatamente percebido, da imutabilidade de Deus, d'Aquele que sempre é e que é sempre imutável.

Não precisamos prosseguir no assunto, pois já foi dito o suficiente para apontar as várias maneiras pelas quais Deus Se agradou em Se revelar sob esses diferentes nomes. É uma marca de Sua ternura que Ele tenha feito isso, e proclama ao mesmo tempo Sua graça indescritível ao mostrar assim o que Ele é em Si mesmo ao Seu povo. Ele poderia ter Se escondido para sempre no sereno gozo da solidão de Sua própria existência autossuficiente; mas muito antes da fundação do mundo, na longínqua distância de uma eternidade passada, Ele nos escolheu em Cristo para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante d'Ele em amor. Antes, porém, que esses conselhos eternos fossem comunicados, o primeiro homem, Adão, foi trazido à cena; e depois que ele, o homem responsável, falhou, Deus continuou por quatro mil anos esperando pelo homem para ver se ele poderia produzir fruto para Ele. Seu teste do homem continuou até a cruz, e então, quando Deus demonstrou que o homem havia perdido tudo com base na responsabilidade, Ele revelou toda a graça que estava em Seu coração no **"evangelho de Deus... acerca de Seu Filho, que nasceu da descendência de Davi segundo a carne, declarado Filho de Deus em poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dos mortos, – Jesus Cristo,**

nosso Senhor". N'Ele, como ainda podemos ver, Deus foi plenamente revelado; e Ele também é o Homem dos conselhos de Deus, e n'Ele todos os pensamentos do coração de Deus serão cumpridos. As revelações parciais do Velho Testamento já passaram antes, ou melhor, foram fundidos n'Aquele que é glorificado à direita de Deus, e isso é declarado no evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus.

Parte 2 – Chamarás Seu Nome JESUS

"Chamarás o Seu Nome JESUS" (Mt 1:21 – ACF)

"Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou Seu Filho, nascido¹ de mulher, nascido sob a lei" (Gl 4:4). E é sobre esse mistério, a base da redenção, que Mateus escreve neste capítulo. De fato, existem outras características do divino e santo Menino aqui mencionadas. Como este evangelho apresenta especialmente Cristo como o Messias nascido neste mundo, o cumprimento da premissa da nação Judaica, Sua linhagem, é traçada a partir das duas grandes raízes da promessa Judaica, Abraão e Davi. Portanto, não só Mateus O mostra a nós como **"vindo"** de uma mulher, e **"vindo"** sob a lei, mas também como a Semente prometida de Abraão, em Quem todas as nações da Terra seriam abençoadas, e como Filho de Davi, e, portanto, como herdeiro do trono e reino de Davi. Assim, é um capítulo em que as glórias divinas e humanas de nosso bendito Senhor são misturadas e exibidas. Por "misturado", simplesmente queremos dizer que o caráter da Pessoa de Cristo é tal que tudo o que Ele é como Deus e como Homem é declarado em Seu nome e em Sua obra. Por exemplo, se pensarmos n'Ele como a geração de Davi, somos imediatamente lembrados de que Ele também é a Raiz de Davi, que o Filho de Davi também é o Senhor de Davi.

Isso será visto muito claramente por uma consideração do significado do nome Jesus, que José foi instruído a dar ao Menino quando Ele nascesse. Como pode ser visto em Hebreus 4:8, Jesus é a forma grega de Josué, ou Jehoshua, que significa "Jeová é salvação", ou "cuja salvação é Jeová". Há, portanto, ampla justificativa para a observação comum de que o nome Jesus significa Jeová, o Salvador. Se é assim, que assunto para contemplação, sim, e para adoração, é assim trazido diante de

nossa alma! Uma Criança nascida no mundo, de origem humilde na concepção do homem, é declarada, divinamente declarada, como sendo Jeová, o Salvador! Sim, o Deus que ouviu o gemido de Seu povo Israel no Egito, que viu sua aflição, ouviu seu clamor por causa de seus exatores, conheceu suas tristezas e desceu para redimi-los do Egito, e para fazê-los subir daquela terra para uma terra boa e larga, para uma terra que mana leite e mel; Aquele que disse a Moisés: **“Eu Sou o SENHOR [Jeová]. E Eu apareci a Abraão, a Isaque, e a Jacó, como o Deus Todo-Poderoso; mas pelo Meu nome, o SENHOR, não lhes fui perfeitamente conhecido”** (Êx 3:6-8, 6:2-3). Foi Ele, o mesmo Deus, o mesmo Jeová, o El Shaddai conhecido pelos patriarcas, que agora veio a este mundo como um Bebê. Mas como um Bebê, Ele veio, bendito seja Seu nome para sempre, como o Salvador de Seu povo. Certamente podemos dizer que as sombras estavam se afastando, e que as trevas que até então escondiam Deus de Seu povo, estavam desaparecendo rapidamente. Era de fato a bendita aurora do dia da graça.

No momento em que falamos do nascimento de Jeová, o Salvador, o mistério da encarnação prende nossa atenção. Há muito tempo foi predito e, longe de ser velado sob linguagem duvidosa, foi exata e minuciosamente descrito, para que Mateus pudesse escrever: **“Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor, pelo profeta, que diz: Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um Filho, e Ele será chamado pelo nome de EMANUEL. (EMANUEL traduzido é: Deus conosco)”**. Até mesmo o próprio lugar de Seu nascimento havia sido predito: **“E tu, Belém Efrata, posto que pequena entre milhares de Judá, de ti me sairá o que será Senhor em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade”** (Mq 5:2). Além disso, a natureza santa de Sua Humanidade não era de forma alguma obscurecida pela figura de oferta de manjares, especialmente nos bolos asmos de flor de farinha de trigo amassados com azeite, dizendo, como fez a verdade comunicada a Maria pelo anjo: **“Descerá sobre ti o**

Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a Sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus” (Lc 1:35). É o milagre dos milagres e, por essa mesma razão, a revelação do coração de Deus, quando olhado para trás à luz do propósito de Sua vinda entre os homens pecadores.

Antes de entrar no propósito de Seu advento, pode ser proveitoso nos deter em algumas das circunstâncias de Seu nascimento. Havia na época o maior contraste imaginável entre o céu e a Terra. Todo o céu (e que maravilha!) estava agitado e em movimento, mas toda a Terra, exceto algumas almas piedosas, estava quieta e quase sem expectativa. O anjo do Senhor apressou-se em seu alegre caminho para informar, não os poderes governantes ou os grandes da Terra, mas alguns pastores piedosos sobre o maravilhoso acontecimento: **“Não temais”** ele lhes disse: **“porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo, pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor”**. O anjo de Jeová não estava sozinho, pois assim que anunciou as boas novas, uma multidão dos exércitos celestiais louvou a Deus e disse: **“Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade [ou “prazer”, ou “deleite”] para com os [em] homens”**. Como foi dito de forma impressionante: *“Deus Se manifestou de tal forma pelo nascimento de Jesus, que os exércitos do céu, há muito familiarizados com Seu poder, puderam levantar seu coro... e cada voz se une para soar esses louvores. Que amor há como este amor? E Deus é amor. Que pensamento puramente divino de que Deus Se tornou Homem”*. E, no entanto, esse estupendo evento não tinha nada para atrair a observação dos homens. Ocupados com seus próprios pensamentos e objetivos, eles nem perceberam, embora isso ocorresse no meio deles, e eles estavam tão absortos em seus próprios interesses, que não havia espaço para o Menino Salvador na estalagem! Tais são os homens, embora entre eles estivessem os objetos dos eternos conselhos de Deus em graça, que Ele estava prestes a realizar

por meio d'Aquele que, enquanto Criador de todas as coisas, ainda nasceu no mundo como alguém estranho e sem lar!

O nome Jesus foi dado em conexão com Sua obra; **"porque"**, foi acrescentado: **"Ele salvará o Seu povo dos seus pecados"**. O termo **"Seu povo"**, neste evangelho, sem dúvida, significa Israel, e, de fato, no anúncio angélico aos pastores em Lucas, diz que as boas novas de grande alegria eram para todo o povo, isto é, para os Judeus. Não que o objetivo da vinda do Senhor ao mundo seja, em ambos os casos, limitado ao povo escolhido, mas nessas passagens só eles estão em vista. O aspecto mais amplo é afirmado por João quando, em alusão à profecia de Caifás de que **"Jesus morreria por aquela nação"**, ele acrescenta: **"E não somente pela nação, mas também para reunir em um corpo os filhos de Deus que andavam dispersos"**. Além disso, isso deixa claro que a morte de Cristo – Sua obra consumada que Ele realizou em e por meio de Sua morte – é o único fundamento sobre o qual Ele salvará Seu povo de seus pecados. Lemos assim em Levítico 16, após os detalhes dados a respeito das obrigações e sacrifícios, juntamente com a confissão dos pecados dos povos pelo sumo sacerdote no grande dia da expiação: **"Porque, naquele dia, se fará expiação por vós, para purificar-vos; e sereis purificados de todos os vossos pecados, perante o SENHOR"** (v 30). Nunca poderemos enfatizar de forma suficiente essa verdade fundamental, pois, como está escrito sobre os pecados na antiga dispensação: **"Sem derramamento de sangue não há remissão"**, então agora é igualmente verdade que somente o sangue de Jesus Cristo, o Filho de Deus, purifica de todo pecado.

Quando, portanto, o anjo disse: **"Ele salvará Seu povo de seus pecados"**, ele olhou para frente, ou pelo menos a mente do Espírito tinha em mente as palavras, para um tempo além da cruz. Pois Israel não poderia ser salvo, como os profetas testemunharam claramente, sem o arrependimento e a eficácia da expiação. Simeão, quando desfrutou do indescritível privilégio de segurar o Cristo do Senhor em seus braços, claramente predisse também

que a glória do povo de Jeová, Israel, seria alcançada por meio da rejeição do santo Bebê em Sua apresentação ao povo. Os sofrimentos de Cristo devem preceder Suas glórias, seja no céu ou na Terra, assim como Ele mesmo disse aos dois discípulos a caminho de Emaús: **“Porventura, não convinha que o Cristo padecesse essas coisas e entrasse na Sua glória?”**. Foi esse fato que testou o coração dos homens e provocou sua total inimizade. Se eles pudessem ter tomado Jesus à força e feito d'Ele um Rei, e se Ele tivesse Se colocado à frente deles e os conduzido, todos carnavais como eram, contra seus inimigos e os libertado por Seu poder, eles o teriam saudado de bom grado como seu Messias, mesmo que eles tivessem imediatamente se rebelado contra Sua autoridade. Mas Aquele que veio como Jeová, o Salvador, teve primeiro que intervir e reparar a brecha que os pecados de Seu povo fizeram entre eles e seu Deus. E Ele assumiu tão plenamente a causa e a responsabilidade deles, que, estando no lugar deles, Ele clamou: **“Tu, ó Deus, bem conheces a Minha insipiência; e os Meus pecados não Te são encobertos”** (Sl 69:5). Bendito Senhor, não podemos entender Tua tristeza e pesar, mas podemos Te agradecer por teres feito Teus os pecados do Teu povo e tê-los levado para sempre.

Considerando então essa passagem em sua aplicação a Israel, ela se referirá à salvação do povo terrenal de seus pecados – de seus pecados e consequências – e à sua restauração e bênção num dia futuro na terra da promessa. Isso é, de fato, em um aspecto aquilo que Zacarias profetizou quando sua língua foi solta na circuncisão de seu filho: **“Bendito o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e remiu o Seu povo! E nos levantou uma salvação poderosa na casa de Davi, Seu servo... para nos livrar dos nossos inimigos e das mãos de todos os que nos aborrecem... de conceder-nos que, libertados das mãos de nossos inimigos, O servíssemos sem temor, em santidade e justiça perante Ele, todos os dias da nossa vida”** (Lc 1:68-75). Primeiro, então, Jesus salvará Seu povo de seus pecados diante de Deus, pois uma parte do novo concerto diz: **“porque perdoarei**

a sua maldade e nunca mais Me lembrarei dos seus pecados”

(Jr 31:34), e, além disso, Ele os salvará das consequências de seus pecados ao livrá-los das mãos de seus inimigos, ao reuni-los de todas as terras onde foram espalhados e ao estabelecê-los em sua própria terra em bênção sob Seu próprio reinado pacífico e glorioso. Tudo isso teria sido cumprido para eles de uma só vez, se tivessem recebido seu Messias, e mesmo depois de tê-Lo crucificado, se eles tivessem reconhecido sua culpa e se curvado de coração ao testemunho dos apóstolos, seus pecados teriam sido apagados, e os tempos de refrigério teriam vindo da presença do Senhor em conexão com o retorno de Cristo (At 3), mas, ai! Por sua incredulidade, eles perderam todas essas bênçãos, e agora eles têm que esperar até que, forjados pelo Espírito de Deus, eles clamarão de coração com alegria: **“Bendito O que vem em nome do SENHOR”**.

Ainda assim, amado leitor, embora seja verdade que essa promessa se refere principalmente a Israel, não se esqueça de que a mesma obra gloriosa, que constitui o fundamento sobre o qual seus pecados serão removidos, é o único fundamento sobre o qual qualquer um de nós pode conhecer o perdão. Por meio da queda de Israel, a salvação chegou aos gentios, e é por isso que o apóstolo pôde escrever aos coríntios, que lhe foi entregue **“que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, e que Ele foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras”**. Assim, então, podemos louvar a Deus continuamente por Sua maravilhosa graça que aproveitou a ocasião por meio da incredulidade de Israel para revelar todos os Seus propósitos a respeito daqueles que deveriam ser herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo; e também que nosso coração se encha de gratidão pela menção do nome de Jesus, pois Ele é quem garantiu tudo para nós.

*“Nome de Jesus! Nome mais elevado!
Nome que a Terra e o céu adoram!
Do coração de Deus veio,
Leva-me ao coração de Deus mais uma vez.*

*"Apenas Jesus! Nome mais belo,
Vida, e descanso, e paz, e bem-aventurança;
Jesus é sempre o mesmo,
Ele é meu, e eu sou d'Ele."*

Parte 3 – Ele Será Chamado pelo Nome de Emanuel

“Ele será chamado pelo nome de Emanuel” (Mt 1:23)

Já foi indicado que o nascimento de Jesus em Belém foi em cumprimento dessa profecia. Não que o nascimento em si contivesse seu cumprimento, era antes seu penhor e garantia. O significado do nome, como divinamente interpretado, é **“Deus conosco”**, e isso nos permite ver que Ele aguarda todas as consequências para Israel da introdução de seu Messias neste mundo; que, em outras palavras, o nome Emanuel de nosso bendito Senhor só será entendido em conexão com o estabelecimento de Seu trono glorioso na Terra, quando Ele fizer valer tudo o que Deus é no governo, e quando, com Seu povo, **“O Seu nome permanecerá eternamente; o Seu nome se irá propagando de pais para filhos, enquanto o Sol durar; e os homens serão abençoados n’Ele; todas as nações Lhe chamarão Bem-aventurado”** (Sl 72:17). Isso traz consigo, portanto, o proveito de Sua morte por “aquela nação” e a promessa de Sua presença pessoal com Seu povo terrenal. É desse tempo que o profeta fala quando diz: **“Exulta e canta de gozo, ó habitante de Sião, porque grande é o Santo de Israel no meio de ti”** (Is 12:6).

Uma referência à profecia em si, juntamente com seu contexto, tornará isso abundantemente evidente. Acaz, pai de Ezequias, estava naquele tempo no trono de Judá. Ele **“não fez o que era reto aos olhos do SENHOR, seu Deus, como Davi, seu pai. Porque andou no caminho dos reis de Israel e até a seu filho fez passar pelo fogo, segundo as abominações dos gentios, que o SENHOR lançara fora de diante dos filhos de Israel”** (2 Rs 16:2-3). No entanto, apesar de sua maldade e apostasia, Deus ainda esperou com muita longanimidade e se absteve de lidar com Seu servo culpado. Sim, em vez disso, quando Efraim e a Síria

entraram em uma confederação contra a casa de Davi e subiram para sitiá-la. Jerusalém, Jeová enviou Seu servo Isaías com uma mensagem de encorajamento, assegurando a Acaz que os desígnios de seus inimigos não prosperariam. O profeta acrescentou, ao mesmo tempo, a palavra de advertência: **“se o não crerdes, certamente, não ficareis firmes”**. Acaz poderia ser libertado do perigo presente, mas a menos que ele se voltasse e permanecesse firme na palavra do Senhor, ele não deveria escapar de seu castigo merecido. (Veja 2 Crônicas 28).

Mais uma vez, o Senhor procurou, em Sua terna misericórdia, alcançar o coração e a consciência do rei ofensor. Deus permitiria se Acaz o pedisse, para dar-lhe **“um sinal, embaixo nas profundezas ou em cima nas alturas”** (Is 7:11), para certificá-lo do cumprimento seguro de Sua Palavra. O coração de Acaz havia se voltado para falsos deuses e, assim endurecido, ele recusou, embora sob o pretexto de piedade, a intervenção oferecida, dizendo: **“Não o pedirei, nem tentarei ao SENHOR”**. O Perscrutador de corações não seria enganado e, depois de uma solene advertência, o profeta anunciou que o próprio Senhor daria um sinal. **“eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um Filho, e será o Seu nome Emanuel”**. É nisso que se revela a profundidade das riquezas, tanto da sabedoria quanto do conhecimento de Deus. A casa de Davi pode falhar em sua responsabilidade, como fizeram gravemente, e perder tudo; mas, nisso, Deus, agindo de Seu próprio coração e de acordo com Seus propósitos, poderia intervir e, por meio do advento de Jeová, o Salvador – por meio de Sua rejeição, morte e ressurreição – cumprir todos os conselhos de Sua graça. O nascimento de Emanuel mudaria tudo. Aqueles que fossem falsos quanto ao seu encargo seriam punidos como Acaz, mas Emanuel asseguraria tudo e vindicaria e glorificaria o nome de Deus no governo sobre a Terra.

Mas permanece um longo e cansativo caminho para Israel, por causa de sua incredulidade, entre o nascimento de Emanuel e a glória do reino. Isso foi claramente predito pelo profeta em

conexão com a própria profecia em questão. O leitor cuidadoso observará que a primeira invasão da terra pelos assírios, trazendo total desolação em seu irrestrito sucesso (Is 7:17), apenas sombreia outro ataque nos últimos dias, quando ele e seus confederados são totalmente quebrados em pedaços. Eles podem tomar conselho juntos, mas isso dará em nada; eles podem falar a palavra, mas ela não permanecerá, pois **“Deus é conosco”** (Emanuel). Antes desse tempo – a destruição final do inimigo de Israel – Aquele que é nascido da virgem, e chamado Emanuel, é visto em rejeição. A transição para isso é extremamente bonita. O profeta foi instruído pelo Senhor **“que não andasse pelo caminho deste povo, dizendo: Não chameis conjuração a tudo quanto este povo chama conjuração; e não temais o seu temor, nem tampouco vos assombréis. Ao SENHOR dos Exércitos, a Ele santificai; e seja Ele o vosso temor, e seja Ele o vosso assombro”** (Is 8:11-13). Mas isso instantaneamente traz separação, distinguindo um remanescente da massa do povo. Assim, lemos: **“Então, Ele vos será santuário”** (para todos aqueles que O santificam e temem); **“mas servirá de pedra de tropeço e de rocha de escândalo às duas casas de Israel; de laço e rede, aos moradores de Jerusalém”**. Como de fato Simeão profetizou: **“Eis que Este é posto para queda e elevação de muitos em Israel e para sinal que é contraditado... para que se manifestem os pensamentos de muitos corações”**.

Emanuel veio. O Santuário daqueles que esperaram por Ele, Ele é o verdadeiro Centro em torno do Qual Seu povo está reunido; e aqui, pela primeira vez, Ele mesmo fala e os chama de **“Meus discípulos”**. E Ele os nomeia assim em conexão com **“o testemunho”**, e afirma claramente que a verdade daquele dia, tanto a lei quanto o testemunho, é confiada e confinada ao remanescente, agora Seus discípulos. Foi assim também no dia da rejeição de Davi. Na caverna de Adulão, quando todos os que estavam em aperto, e todos os que estavam endividados, e todos os que estavam descontentes, se reuniram a ele, e ele se fez chefe deles, descobrimos que o profeta Gade também estava lá;

e imediatamente depois de Abiatar, o sacerdote, ser levado para o mesmo grupo, que agora possuía todas as formas do testemunho de Deus nas pessoas do rei, do profeta e do sacerdote. Da mesma forma, Ana, a profetisa, estava com os poucos que esperavam a redenção em Jerusalém. Deve ser sempre assim, que aqueles que estão em separação do mal, e estão em comunhão com a mente de Deus a respeito de Seu Cristo, e sobre o estado das coisas ao seu redor, devem ser os depositários do testemunho para os tempos em que estão vivendo. A razão é que o próprio Cristo está com eles. Ele ama todo o Seu povo, mas Ele apenas Se identifica com o remanescente separado, como no versículo 18 de Isaías 8. Que aqui e ali muita verdade pode ser encontrada fora do remanescente é inquestionável; mas somente com o remanescente será visto o ensinamento especial de Deus para o momento, ou a verdade mantida e apresentada em suas devidas proporções. O testemunho será ligado, e a lei será selada, entre os discípulos do Senhor num dia mau, porque, como já foi dito, Ele mesmo está no meio deles.

O estado de coisas no momento em que Isaías fala é revelado nos versículos a seguir, e que seja lembrado novamente que é o próprio Cristo Quem fala. Ele disse, **"E esperarei o SENHOR, que esconde o rosto da casa de Jacó, e a Ele aguardarei. Eis-Me aqui, com os filhos que Me deu o SENHOR, como sinais e maravilhas em Israel da parte do SENHOR dos Exércitos, que habita no monte de Sião"** (Is 8:17-18). Na epístola aos Hebreus, partes desses dois versículos são citadas, para mostrar a completa identificação do Senhor como Homem com Seu povo, com o verdadeiro remanescente reunido dentre a nação Judaica (cap. 2:13), e isso como uma preparação para o objetivo de Sua morte, a saber, para que **"aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo, e livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão"**. Mas não prosseguiremos nessas circunstâncias interessantes além de chamar a atenção para o fato maravilhoso de que Aquele que

estava assim em relação a Deus em perfeita dependência como Homem e, portanto, esperando em Jeová, e em relação aos homens Ele era desprezado e rejeitado, era ao mesmo tempo não menos do que o Emanuel da profecia de Isaías, e que, neste caminho de rejeição, Ele estava experimentando alguns daqueles sofrimentos que devem preceder Suas glórias.

No capítulo 9, o povo que anda nas trevas vê uma grande luz, **“e sobre os que habitavam na região da sombra de morte resplandeceu a luz”**. Para o cumprimento desta gloriosa profecia, Mateus registra que Jesus deixou Nazaré e foi morar em Cafarnaum, que fica à beira-mar, nas fronteiras de Zebulom e Naftali (veja Isaías 9:1). No momento em que Isaías proclama o aparecimento do Messias como luz no meio das trevas, ele contempla todas as suas consequências nos resultados da libertação que o Messias fará nos últimos dias. O jugo da Assíria sendo quebrado, todo o brilho da glória da Pessoa divina do Messias brilha na bênção de Seu povo. E toda essa bênção está ligada ao nascimento de Cristo neste mundo. **“Porque”, diz o profeta, “um Menino nos nasceu, um Filho se nos deu; e o principado está sobre os Seus ombros; e o Seu nome será Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz”**. Todos esses nomes são dados em conexão com Seu reino neste mundo, pois o profeta prossegue: **“Do incremento deste principado e da paz, não haverá fim, sobre o trono de Davi e no Seu reino, para o firmar e o fortificar em juízo e em justiça, desde agora e para sempre”** (Is 9:6-7).

É evidente, portanto, que Emanuel, **“Deus conosco”**, é o nome pertencente ao nosso bendito Senhor em conexão com o povo terrenal, e que eles não entrarão em seu pleno e bendito significado até que Ele tenha tomado Seu grande poder, quando Ele reinará no monte Sião, e em Jerusalém, e gloriosamente, diante de Seus antepassados.

Quem é, então, Emanuel? Seu nascimento é predito em Isaías 7:14 e, depois de detalhar as circunstâncias de Sua rejeição no

capítulo seguinte, o profeta prediz o estabelecimento de Seu reino no capítulo 9. Juntamente com isso, ele aproveita a ocasião, em uma passagem já citada, para apresentar uma série de títulos, ou nomes, que expressam o caráter infinito e divino da Pessoa de Emanuel. Vamos repassá-los brevemente. O primeiro é **“Maravilhoso”**, uma palavra usada muitas vezes para aquilo que causa espanto ou admiração. Às vezes, é empregado para indicar um milagre, e nada desperta tanto a atenção quanto uma demonstração milagrosa de poder. E que milagre é tão grande quanto o da encarnação? O que poderia produzir tal maravilha como o fato de Emanuel ter nascido de uma virgem? Então Ele é chamado de **“Conselheiro”**. A sabedoria divina é indicada por esta palavra, como, por exemplo, onde diz: **“E repousará sobre Ele o Espírito do SENHOR, o espírito de sabedoria e de entendimento, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de conhecimento e de temor do SENHOR”** (Is 11:2). A designação **“Deus Forte”** proclama seu próprio significado, pois não poderia haver uma declaração mais distinta de Sua Divindade, nem o seguinte termo, **“Pai da Eternidade”**, fala menos claramente, na medida em que estabelece a eternidade de Seu Ser. Finalmente, Ele é o **“Príncipe da Paz”**, um título que indica o caráter de Salomão de Seu reinado, tão admiravelmente descrito no Salmo 72.

Pode ser permitido a nós, em conclusão, perguntar por que um número tão grande de nomes deve ser combinado. Certamente, a resposta é que somente pela contemplação dos raios da glória de Emanuel separada e individualmente que qualquer concepção pode ser formada da verdade de Sua Pessoa. Seja como for que Ele possa ser apresentado, em qualquer aspecto ou relacionamento, tudo o que Ele é encontra-se lá sob o específico aspecto, e somos lembrados disso por passagens como a que está sendo considerada. É de fato um dos erros fatais destes dias modernos tomar alguma característica da vida ou Pessoa de nosso bendito Senhor e considerá-la como toda a verdade. Ele é a Palavra viva, e é somente em tudo o que fala d'Ele que Ele pode

ser totalmente descoberto; e é por causa de nossa fraqueza que o Espírito de Deus chama nossa atenção ora para um aspecto, ora para outro, ora para uma característica, ou traço ou atributo de Sua Pessoa, e ora para outro. Mas Ele ainda está além de todos os nossos pensamentos, vendo que Ele é divino, “verdadeiro Deus e verdadeiro Homem”, e, portanto, está escrito: **“Ninguém conhece o Filho, senão o Pai”**.

Parte 4 – Como Unguento Derramado é o Teu Nome

“Como unguento derramado é o Teu nome” (Ct 1:3)

Nesta linguagem é retratada a preciosidade de Cristo (como o Noivo) para a noiva. Isso será imediatamente percebido se o contexto for examinado. **“Beije-me Ele”**, clama a noiva, **“com os beijos de Sua boca; pois,** [e agora dirigindo-se diretamente a Ele] **Teu amor é melhor do que vinho”** (Ct 1:2). Não é tanto o amor em si, mas o gozo do amor, do qual ela fala, e é isso que é **“melhor do que o vinho”**. Todo coração renovado responderá a essa declaração, pois, embora o amor de Cristo esteja sempre além de todos os nossos pensamentos, infinito e indizível, é apenas à medida que o desfrutamos que, em qualquer medida, entramos nele ou o apreciamos. Mas quando o coração se expande no poder do Espírito para suas influências e constrangimentos benditos, quando ele se abre sem impedir o fluxo de suas poderosas marés, então a alma aprende experimentalmente o caráter maravilhoso do amor de Cristo que excede o entendimento. Outra coisa é igualmente verdadeira; quanto mais provamos do amor de Cristo, mais desejamos dele. Cada experiência gera um anseio ardente por uma medida maior. Assim, se a noiva não conhecesse anteriormente algo do afeto do noivo, ela nunca teria expressado esse desejo apaixonado.

Além disso, é por meio do coração que todo o conhecimento divino é recebido, e, assim, como aqui, a noiva passa da expressão de sua estimativa do gozo do amor do noivo, para uma declaração do efeito de suas excelências e perfeições. O coração dela apreende, por meio do gozo do amor do noivo, o cheiro dos seus **“bons ungentos”**. Ainda assim, pode-se observar, o que alguém disse, que *“por mais fortes que sejam as afeições da noiva, elas não se expandem de acordo com a posição em que as*

afeições Cristãs, propriamente ditas, são formadas. Elas diferem a esse respeito. Tais afeições não possuem o profundo repouso e doçura de uma afeição que flui de uma relação já formada, conhecida e plenamente apreciada, cujos laços são formados e reconhecidos, que conta com o pleno e constante reconhecimento do relacionamento, e que cada parte desfruta, como uma coisa certa, no coração da outra. O desejo de alguém que ama e está buscando as afeições do objeto amado, não é a afeição doce, completa e estabelecida da esposa, com quem o casamento formou uma união indissolúvel. Para o primeiro caso, o relacionamento é apenas em desejo, a consequência do estado do coração; para o segundo, o estado do coração é a consequência do relacionamento”.

A distinção deve ser bem ponderada e apreendida, pois contém a chave para a interpretação do **“Cântico dos cânticos”**. Mas ainda é verdade, seja no coração da noiva ou no do Cristão, que o amor é o meio, a capacidade para o conhecimento divino, que, em uma palavra, aquele que mais ama mais sabe. Veja 1 Co 8:1-3; Ef 1:18 – **“sendo iluminados os olhos do vosso coração”** (AIBB) [**“coração”** (cf. JND) em vez de **“entendimento”** (ARC e ACF)]. Maria Madalena é uma ilustração impressionante desse ponto. Pedro e João tinham mais luz do que ela, pois eles (ou certamente João) viram que o sepulcro estava vazio e creram, enquanto ela estava em total escuridão quanto à ressurreição. E, no entanto, foi a Maria que o Senhor Se revelou. Os dois discípulos, tendo se convencido de que o sepulcro estava *despojado de sua presa* (e João, pelo menos, crendo que o Senhor havia ressuscitado Vitorioso sobre a morte), **“tornaram, pois... para casa”**. Mas Maria ficou do lado de fora do sepulcro chorando. Envolvida, na intensidade de sua afeição com seu Objeto, ela estava enraizada no local; tendo perdido Cristo, ela havia perdido tudo, e todo o mundo seria apenas um sepulcro para ela se Cristo não estivesse vivo. O estado de seu coração estava certo, embora seu entendimento espiritual não fosse esclarecido; e, por isso, foi que o Senhor pôde vir e Se revelar a ela, e torná-la a alegre

mensageira das benditas novas de que dali em diante Ele associou Seus irmãos a Si no céu, diante de Seu Pai e Deus, em Seu próprio lugar e relacionamento.

Se o leitor entendeu os princípios divinos que foram enunciados, ele entenderá facilmente a linguagem da noiva, que agora deve ser considerada. **"Para cheirar são bons os teus unguentos"**, diz ela, "unguento derramado é o teu nome" (KJV). Os "bons unguentos" representarão para nós a bendita fragrância de Suas excelentes perfeições, como vistas em Sua vida, em Seus atos de ternura e graça, bem como em Suas palavras, e em Sua caminhada de inteira dependência e obediência diante de Deus em Seu caminho ao longo deste mundo. Eles serão, sem dúvida, apreendidos e desfrutados na intimidade de Sua própria presença, em Seus relacionamentos manifestos com a alma, em Seus caminhos e relações pessoais. A noiva, de fato, não poderia ter conhecido o cheiro de Seus bons unguentos de nenhuma outra maneira. E é sempre verdade que quanto mais próximos estamos de Cristo, mais plenamente entramos na experiência do discípulo amado, que foi admitido na intimidade de repousar sobre o peito do Senhor, e mais clara será nossa percepção de Sua beleza e graça. Podemos ficar muito impressionados com o relato e o testemunho, mesmo quando à distância, como a rainha de Sabá; mas é somente quando, como ela, ouvimos e vemos por nós mesmos, que nos perdemos em adoração na presença da fragrância dos bons unguentos. Se, portanto, quisermos ser absorvidos pela percepção de Suas graças e belezas, devemos prosseguir com os dois discípulos, indo em frente por Suas atrações, para o lugar onde Ele habita. Tendo parte com Ele lá, o aroma de Suas excelências constituirá a alegria e regozijo perpétuos da alma.

Antes de prosseguir, deve-se notar que o cheiro suave da vida de Cristo, como pode ser extraído de Levítico 2, era antes de tudo e principalmente para Deus. Os sacerdotes podiam comer da flor de farinha misturada com azeite, da qual a oferta de manjares era composta, mas todo o incenso deveria ser queimado com uma

parte da oferta sobre o altar, para ser uma oferta queimada, de cheiro suave ao Senhor. Quão abençoado é conhecer isso! Se não houvesse uma única alma na face da Terra para deleitar-se com o cheiro dos bons unguentos de Cristo, Sua vida não teria sido em vão, na medida em que trouxe glória a Deus e encheu Seu coração de gozo infinito. Não! Nosso bendito Senhor não poderia ter desperdiçado Sua doçura no *ar do deserto*, porque havia Alguém cujos olhos sempre repousavam sobre Ele com indescritível complacência, observando com gozo a perfeição de cada pensamento, ato, palavra e passo Seus. Foi isso que fez brotar do coração transbordante de Deus as palavras: **“Este é o Meu Filho amado, em Quem Me comprazo”**. E quanto mais Cristo era testado – e Ele foi testado de todas as maneiras, mesmo pelo fogo sagrado do próprio altar – mais abundantemente Seu cheiro suave fluía para gratificar o coração de Seu Deus. Chamamos a atenção para isso, porque se a noiva é, se nós mesmos somos, permitidos a participar do gozo do cheiro suave de Sua vida, para nos alimentar das perfeições de toda a Sua devoção à glória de Seu Deus, é apenas porque Deus primeiro teve Sua porção, e porque Ele, em Sua graça inefável, nos chamou para compartilhar de Seus próprios prazeres no caminho e na Pessoa de Seu Filho amado.

Observe também que é por meio do cheiro dos bons unguentos que Seu nome, a revelação de tudo o que Ele é, é espalhado por toda a parte, como o cheiro de unguento derramado. Desta forma, como expresso no hino:

“Como fragrância na brisa, Seu nome está espalhado por toda a parte”.

Ilustrações disso abundam nos evangelhos. **“E percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas suas sinagogas, e pregando o evangelho do Reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo. E a Sua fama correu por toda a Síria”**. Como lemos em outro lugar: **“E, levantando-Se dali, foi para os territórios de Tiro e de Sidom. E, entrando numa casa, queria**

que ninguém o soubesse, mas não pôde esconder-Se". Não, bendito Senhor, o cheiro de Teus bons unguentos se espalhou por toda parte, tornando-Te conhecido em todos os lugares, de modo que Teu nome se tornou como o cheiro suave de unguento derramado a todos os que estavam sobrecarregados de angústia e tristeza, às almas cansadas e necessitadas entre Teu povo.

Este é, sem dúvida, apenas um lado desta preciosa verdade, pois o que nossa passagem traz diante de nós é antes o fascínio da alma com a preciosidade de Cristo por meio da apreensão de Suas várias excelências, conforme demonstradas em Si e em Seus caminhos. Ainda assim, é sempre por meio de nossas necessidades que primeiro chegamos a Cristo e aprendemos o que Ele é em Seu amor e graça. Então, quando nossas necessidades têm sido atendidas e satisfeitas, estaremos à vontade, livres de nós mesmos e livres em Sua presença, para contemplar Ele mesmo. O cheiro de Seus bons unguentos, de fato, dificilmente penetra na alma com seu alegre refrigerio até que todas as questões que nos afetam e nosso relacionamento com Deus tenham sido resolvidas. Em casos raros, o próprio Cristo pode ser conhecido no início da vida espiritual, mas, em geral, é uma consciência perturbada que deve ser apaziguada, por meio da eficácia do sangue de Cristo, antes de sermos livres para sondar Suas gloriosas perfeições. Então, enquanto estas surpreendem e despertam o deleite da alma, Seu nome, mesmo a própria menção dele, encherá nosso coração com a sensação de sua doçura e fragrância, e produzirá tais emoções que só podem ser expressas em adoração aos Seus pés.

Outra coisa deve ser mencionada. O cheiro dos bons unguentos de Cristo pode fluir por meio da vida santa de Seu povo. Cada traço, cada perfeição exibida por Ele em Sua caminhada por este mundo, pode ser reproduzida naqueles que são Seus. Veja, por exemplo, os preceitos e exortações das epístolas. Cada um deles foi perfeitamente exemplificado em Cristo, e a menos que isso seja lembrado, para que eles possam ser associados a Ele como a Palavra viva, eles se tornarão obrigações duras e legalistas. Cristo

em nós, Cristo nossa vida, conforme estabelecido em Colossenses, deve ser seguido pela exibição de Cristo por meio de nós, no poder do Espírito Santo. Para isso, precisamos estar muito em Sua companhia, pois quanto mais estivermos com Ele e ocupados com Ele, mais seremos transformados à Sua semelhança, e mais certamente o cheiro de Seus bons unguentos será espalhado por toda a parte. E este será um poderoso testemunho do que Ele é, pois neste caso Seu nome será, por meio de nós, como unguento derramado; o cheiro suave do nome de Cristo fluirá de nossa caminhada, bem como de nossas palavras. O apóstolo Paulo usa as mesmas palavras ao falar de sua pregação, quando diz: **"Porque para Deus somos o bom cheiro de Cristo"**; e em um capítulo subsequente (2 Co 4) ele aponta que o testemunho está conectado com a vida, bem como com os lábios. Ao meditarmos sobre isso, podemos dizer: Que privilégio! Que missão, ser enviado ao mundo para tornar conhecido o cheiro dos bons unguentos de Cristo, para que Seu nome possa, por meio de nós, ser como unguento derramado!

O efeito disso ainda não foi notado; **"Por isso, as virgens Te amam"**. O cheiro do nome de Jesus atrai o coração das virgens – observe que não de todo o povo de Deus, mas apenas o das virgens. Um pensamento muito distinto está conectado na Escritura com a virgem. É caráter, caráter moral, falando da ausência de contaminação, da não contaminação com as influências poluidoras do mundo (veja Apocalipse 14:4). As virgens, portanto, permanecem nessa passagem como aqueles que foram capacitados, pela graça, a manter uma santa separação das contaminações da cena pela qual estão passando, aqueles cujo coração foi mantido fiel a Cristo e guardado em lealdade a Ele pela percepção de Suas reivindicações e de Seu amor. Um coração possuído por Cristo é fortalecido contra os atrativos mais sedutores do mundo. A afeição que absorve é o que sempre distingue a virgem; e essa afeição é sempre intensificada e aprofundada a cada nova descoberta da perfeição de Cristo. Em outras palavras, aqueles que participam do caráter virginal

sempre respondem à revelação da preciosidade de Cristo. Sendo Ele o único Objeto do coração, eles estão na condição de alma para entrar e desfrutar de Suas belezas. Eles detectarão a Sua presença, o bendito cheiro de Suas palavras e Seus atos, enquanto outros não observarão nada. Eles vivem em Sua presença, são totalmente para Ele, e, portanto, é o deleite de Cristo revelar-Se a eles de maneiras tão atraentes que aumentam e provocam suas afeições por Ele mesmo.

Segue-se do que foi dito que o estado de nossa alma pode ser discernido pelo efeito que o nome de Jesus produz sobre nós. Se nosso coração é descuidado e insensível quando Ele é o assunto da conversa ou apresentação, não podemos estar em comunhão com o coração de Deus. Ora, até mesmo o nome de um objeto amado na Terra produzirá emoções prazerosas. Quanto mais o nome de Cristo, o Objeto do coração de Deus – e também do nosso se o conhecemos – deveria despertar em nós santos sentimentos de deleite, que só podem ser expressos em louvor e adoração!

Parte 5 – O Nome Sobre Todo Nome

Às vezes, levanta-se a questão de qual é esse nome, mas quer seja o nome de JESUS – como parece provável, se a interpretação revisada² for adotada – ou não, seu significado é muito evidente. Uma passagem da epístola aos Efésios explicará isso. Em conexão com a exibição da suprema grandeza do poder de Deus **“sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-O dos mortos”,** o apóstolo prossegue, **“e pondo-O à Sua direita nos céus, acima [muito acima – KJV] de todo principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo nome que se nomeia, não apenas neste século [mundo – KJV], mas também no vindouro”** (Ef 1:19-21). Aqui, o significado evidentemente é que, qualquer que seja a exaltação ou dignidade de qualquer uma das hierarquias ou inteligências celestiais, Cristo como o Homem glorificado foi colocado acima de todas elas. Entre o vasto número de seres celestiais, Ele é absolutamente supremo. A tradução **“muito acima”** pode não ser exatamente justificada pela palavra grega usada, mas não podemos duvidar de que nossos tradutores aproveitaram seu espírito ao procurar expressar que não havia um semelhante ao Cristo glorificado, que Sua exaltação é tão indescritível que todas as mais altas graduações de existências angélicas estão muito abaixo de Seus pés. Da mesma forma, em Filipenses 2 **“o nome sobre todo nome”**³ indicará a supremacia absoluta em todo o universo do Cristo glorificado como Senhor. Nada menos do que isso satisfará os termos desta passagem.

Isso será mais facilmente entendido se considerarmos o lugar e a conexão em que essas palavras se encontram. Em certo sentido, a passagem do versículo 5 ao 11 é completa em si mesma. Ela vai num crescente a partir de exortações anteriores, e aqui está a maravilha de que toda essa bendita revelação da Pessoa, do caráter, da encarnação de Cristo, Sua humilhação e consequente

exaltação, seja dado para fazer valer a exortação do apóstolo de que a mente **“que houve também em Cristo Jesus”**, visto em Sua vinda “desde a mais plena glória da Divindade, até às profundezas da dor do Calvário”, deve estar diante dos crentes como seu exemplo! Que possamos, então, refletir sobre ela, pois quanto mais ela for considerada, mais profundamente ela se imprimirá em nossa alma. Em uma eternidade passada, Ele, que esteve aqui embaixo como o Humilhado, sendo – subsistindo (ARA) – na forma de Deus. Tal declaração, por mais que esteja além do alcance máximo de todos os nossos pensamentos, não pode significar menos do que Sua Divindade absoluta e essencial. Isso fala de Sua existência eterna como Deus, assim como João diz sobre o Verbo: **“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”**. Sobre essa bendita verdade paira toda a verdade da revelação e da redenção. Renunciar a isso seria perder o Sol do sistema solar e, assim, trazer escuridão, caos e destruição. Por isso mesmo, em todas as épocas, a controvérsia tem sido grande em torno da Pessoa de Cristo. Ora Sua Humanidade, e ora Sua Divindade, foi obscurecida, se não negada. A fé enfrenta todos os argumentos do homem pelas simples afirmações da Palavra de Deus.

Se, no entanto, a Divindade de nosso bendito Senhor é aqui introduzida, é apenas para magnificar Sua graça e humilhação própria, pois a afirmação disso é seguida imediatamente por palavras de importância transcendente. Primeiro, Ele **“não teve por usurpação ser igual a Deus, mas...”** segundo, **“aniquilou-Se a Si mesmo”**, ou, mais literalmente e exatamente, **“esvaziou-Se”** (TB). A primeira frase significa que, embora Ele subsistisse na forma de Deus, Ele não usou isso para exaltação própria, e como na versão de Darby, **“não considerava um objeto de rapina estar em igualdade com Deus”**. É, sem dúvida, um contraste com Adão, que caiu na armadilha de Satanás de procurar exaltar a si mesmo, ser **“como Deus, conhecendo o bem e o mal”**. Adão, sendo homem, procurou exaltar a si mesmo, Cristo, sendo Deus, humilhou-Se a Si mesmo. Quão abençoado é o contraste! Essa

era a mente que estava em Cristo Jesus, e a próxima frase – **“mas aniquilou-Se a Si mesmo”** – contém a primeira manifestação dessa mente. Devemos nos aproximar de tal afirmação com os pés descalços (pois o lugar é santo). Do que, então, Aquele que sendo em forma de Deus esvaziou-Se a Si mesmo? Recentemente, foi escrito que Ele Se esvaziou de “prerrogativas divinas”; outros ensinaram que o *esvaziamento* incluía Seus atributos divinos. De maneira nenhuma! Admitir isso é certamente obscurecer a verdade essencial de Sua Divindade e abrir a porta para o racionalismo em suas piores formas. Pois o que são atributos? São as características da Divindade, de modo que esvaziar-se dos atributos é deixar de lado a Divindade. Não! Mil vezes não! Como alguém disse: *“O Ser essencial da Divindade não pode mudar. Seu esvaziamento próprio aplica-se à forma”*.

As próximas frases deixarão isso claro, descrevendo, como fazem, o processo e o efeito do esvaziamento: Ele **“tomando a forma de Servo, fazendo-Se** [ou melhor, ***tornando-Se*** – foi Seu próprio ato voluntário e, de fato, divino] **semelhante aos homens”**. Foi como Deus que Ele Se aniquilou, e agora essas palavras O apresentam a nós depois que Ele tinha agido assim, pois O vemos à semelhança dos homens e na forma de *Servo*. Isso inclui toda a verdade da encarnação e, por meio dela, somos capazes de formar alguma estimativa, por mais inadequada que seja, da imensidão do rebaixamento de **“a forma de Deus”** para **“a forma de Servo”**. Ninguém além de Deus Se iguala a tal condescendência e graça, pois era realmente a exibição do amor divino no meio dos pecadores, e ninguém além de Deus poderia ter feito tal rebaixamento, pois o homem está limitado à sua própria forma e modo de existência. No fato da encarnação, portanto, contemplamos um dos gloriosos mistérios da redenção. E embora sejamos incapazes de entender seu pleno e abrangente significado, ainda aprendemos que quanto mais baixo Cristo descia, mais brilhava o esplendor de Sua glória divina! Pois Deus é luz e Deus é amor, e onde contemplamos isso? Certamente n'Aquele que tomou sobre Si a forma de Servo. Em

cada passo de Seu caminho, em Suas palavras de graça e verdade, em Suas obras de poder e misericórdia, a luz e o amor em toda a sua perfeição podem ser percebidos pelo olho aberto, e o coração divinamente instruído é constrangido a exclamar: Eis! Deus está aí.

Como já foi dito, como Deus, Ele Se aniquilou [**esvaziou-Se** – TB], e agora aprendemos que, como Homem, Ele Se humilhou. De fato, toda a vida de nosso bendito Senhor como Homem é resumida nestas palavras: Ele **"humilhou-Se a Si mesmo"**, pois não é, como em outra versão **"e tornou-Se obediente até à morte"** (KJV), mas **"sendo obediente⁴"**, isto é, humilhando-Se a Si mesmo; e então, para trazer à tona o caráter completo da humilhação, é adicionado, **"e morte de cruz"**. Esse foi um lugar baixo, de fato, que Ele tomou quando assumiu a forma de Servo, mas quão mais baixo quando, **"achado na forma de Homem"**, Ele desceu à morte vergonhosa da cruz! E lembremo-nos novamente em nossas meditações, enquanto nos maravilhamos e adoramos na presença de tal infinita condescendência, que Cristo é aqui apresentado como nosso Exemplo. A pergunta pode muito bem ser feita, na bela linguagem de outra pessoa, *"Será que nossas afeições não são atraídas e absorvidas ao nos determos, com deleite, no que Jesus foi aqui embaixo? Admiramos, somos humilhados e somos conformados a Ele pela graça. Cabeça e fonte desta vida em nós, a exibição de Sua perfeição n'Ele atrai e desenvolve suas energias e humildade em nós. Pois quem poderia ser orgulhoso em comunhão com o humilde Jesus? Humilde, Ele nos ensinaria a ocupar o lugar mais baixo, mas que Ele mesmo tomou, o privilégio de Sua graça perfeita. Bendito Mestre, que possamos pelo menos estar perto e escondidos em Ti"*.

Tal é o maravilhoso fundamento sobre o qual se baseia a presente exaltação de Cristo. Que há uma conexão direta entre os dois é visto na expressão **"pelo que"**, que também nos expressa a estimativa do coração de Deus da humilhação de Cristo. Muitos fundamentos da glória de Cristo são dados na Escritura. Sua

dignidade, por exemplo, é celebrada em Apocalipse 5, em virtude da redenção que Ele havia assegurado por meio de Sua morte e pela eficácia de Seu sangue. Ele mesmo reivindica ser glorificado em João 17, porque glorificou o Pai na Terra e consumou a obra que lhe foi dada a fazer.

Aqui o aspecto é bem diferente. É o próprio Deus intervindo, no gozo de Seu coração, em Seu deleite n'Aquele que Se humilhou tanto e O elevando àquelas alturas de glória que Ele agora ocupa; e o ato proclama em alta voz, em todo o universo, que nenhuma outra posição teria sido comparável aos Seus méritos, que Aquele que desceu ao mais baixo de todos deve ter o lugar mais alto. Moralmente, é a exemplificação do princípio, em toda a sua perfeição, que o próprio Senhor enunciou – **“aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado”**. Pode-se então dizer que Sua alta exaltação era apenas Seu mérito e coroa. O apóstolo em sua epístola aos Efésios toca em outro lado deste grande assunto. Lá, ele nos diz que Aquele que desceu às partes mais baixas da Terra é O mesmo que subiu muito acima de todos os céus, para encher todas as coisas (cap. 4:9-10). Embora possamos não ser capazes de sondar essa profunda linguagem, ela não pode significar menos do que isto, em virtude da humilhação de Cristo e da obra que Ele efetuou para a realização dos conselhos de Deus. Ele finalmente inundará todo o universo com Sua própria glória redentora. E isso, e nada menos do que isso, será a resposta de Deus à humilhação de Seu amado Filho.

Voltando à nossa passagem, aprendemos que **“o nome que é sobre todo nome”** (TB) é dado a Ele como parte de Sua exaltação, ou melhor, que é a própria estimativa de Deus do que era devido Àquele que Se humilhou, sendo obediente até à morte, e morte de cruz. É assim a dignidade de Cristo demonstrada pelo lugar que Deus Lhe deu para ocupar. Dizemos, “dado a Ele para ocupar”, porque a apresentação aqui é a de Sua exaltação como Homem, como consequência de Sua perfeita obediência e inteira devoção à glória de Deus durante todo o Seu caminho na Terra até à morte, inclusive. O que é “o nome”, ou se é

o nome de Jesus, já foi observado, não pode ser decidido; e, de fato, é a coisa significativa para a qual o Espírito de Deus direcionaria nossa atenção. O significado, repita-se, é que, quaisquer que sejam os seres exaltados que cercam o trono celestial, o glorificado Jesus está acima e além de todos eles. O nome concedido a Ele, em virtude de Sua humilhação, evidencia uma dignidade que transcende em muito as posições mais exaltadas da hoste celestial e diz, além disso, que Ele é supremo em todos os mundos que constituem o universo de Deus. Se, então, essa posição que Ele agora preenche é expressiva do deleite de Deus no outrora humilhado Cristo, não despertará também o deleite do povo de Deus ao contemplá-Lo naquele estado e glória? É na graça de nosso Deus que somos chamados a compartilhar de Seu próprio deleite em Seu Filho amado; e o gozo disso, por mais fraco que seja sua medida, é realmente o antegozo – o começo – dos regozijos celestiais que, enchendo o coração, mesmo enquanto pisa nas areias do deserto, só pode encontrar uma saída por meio do canal de adoração e do cântico.

Parte 6 – Em Nome de Jesus

Se Deus der a Cristo o lugar de supremacia universal e absoluta, Ele a terá reconhecida em todos os círculos de Seus domínios. Assim é dito, após declarar que também Ele Lhe deu um nome que é sobre todo o nome, **"para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na Terra, e debaixo da Terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai"**. A linguagem aqui empregada deve ser cuidadosamente considerada, se seu significado preciso for para ser apreendido. E, em primeiro lugar, a força das palavras **"ao nome de Jesus"** precisa ser explicada, na medida em que muita discussão tem sido levantada sobre este ponto. A frase no original pode ser traduzida com precisão, **"em o nome de Jesus"** em vez de **"ao"** nome de Jesus, como em nossa tradução. A questão então é: essa tradução pode ser aceita? Se **"ao nome de Jesus"** fosse uma apresentação incorreta das palavras originais, a outra, quaisquer que fossem as dificuldades que a acompanhassem, teria que ser adotada, mas ela é tão exata quanto **"em o nome de Jesus"**, e por essa razão devemos ser direcionados por outras considerações. É então apresentado que se curvar diante de Deus *em* nome de Jesus, e confessá-Lo como Senhor, é aparecer lá em virtude do que Ele é, em todo o valor do que Ele é por meio de Sua morte e ressurreição (veja, por exemplo, João 14:13-14) e, conseqüentemente, implicaria salvação para todas as classes mencionadas. Em outras palavras, se **"em o nome de Jesus"** fosse mantido, isso faria com que essa passagem ensinasse o universalismo, e um universalismo, como será visto mais adiante, que incluiria demônios, bem como homens e anjos.

Tal significado nos colocaria em contradição direta com muitas outras passagens, e, portanto, somos obrigados a adotar a tradução alternativa, **"ao nome de Jesus"**.

Com isso se quer dizer que é a vontade de Deus que toda criatura no universo, mais cedo ou mais tarde, reconheça a supremacia e o senhorio do exaltado e glorificado Jesus. Se o coração estiver em harmonia com o reconhecimento, e a confissão da boca proceder de uma fé real e viva em Cristo, isso será salvação para todos os que a fizerem (veja Romanos 10:8-13). Todos, portanto, que neste dia da graça receberem o evangelho, o testemunho de Deus da morte e ressurreição de Cristo, e confessarem a Cristo como seu Senhor e Salvador, serão salvos para sempre. Mas o ponto da passagem é que todos fora dessa classe abençoada, todos os homens impenitentes e não regenerados, todos os anjos que já existiram, ou melhor, que foram preservados, em sua perfeição criada, todos os anjos que caíram e foram lançados **"no inferno"**, e entregues **"às cadeias da escuridão, ficando reservados para juízo"**, e todos os demônios e seres infernais, reconhecerão, ou serão compelidos a reconhecer pelo poder, a autoridade e o senhorio do glorificado Jesus. Deus não permitirá, de acordo com o ensino dessa passagem, que uma única criatura consciente seja contenciosa ou exteriormente rebelde para com Seu amado Filho. Eles podem odiá-Lo, como muitos deles O odeiam em seu coração, mas, quer eles O odeiem ou não, serão obrigados a dobrar os joelhos ao outrora humilde e agora glorificado Jesus, e seus lábios terão que confessar que Ele, Jesus Cristo, é o Senhor, para a glória de Deus Pai. E isso é devido a Ele, como está bem expresso nas conhecidas linhas:

*Digno és Tu, ó Cordeiro de Deus,
Que todo joelho a Ti se dobre".*

Pode ser necessário, no entanto, explicar isso com um pouco mais de detalhes, pois alguns podem não ter entendido o assunto até agora. Vamos então examinar as exatas palavras dessa passagem. Ela diz: **"para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra"**. Dos que estão nos céus, como antes foi dito, incluirão todas as coisas existentes nos céus – todas as hostes celestiais – e dos que estão na Terra, como é claro, indicarão os homens, então a única

dificuldade está na frase **“debaixo da Terra”**. A própria palavra (pois na verdade é apenas uma palavra) aponta reconhecidamente para o que é subterrâneo. Mesmo admitindo isso, alguns argumentam ainda que se refere apenas aos mortos. Mas mesmo no uso clássico, isso vai mais longe e compreende espíritos malignos; e quando é lembrado que, durante a passagem de nosso bendito Senhor neste mundo, os demônios foram obrigados a reconhecer Sua autoridade e até mesmo a confessar Seu nome, e que, como Tiago ensina, eles **“creem e tremem”**, há uma forte garantia de que eles estão em vista nesta passagem. Há outra passagem que, embora aparentemente tenha o mesmo significado, ainda é bastante diferente. Lemos em Apocalipse 5, **“E ouvi a toda criatura que está no céu, e na Terra, e debaixo da Terra, e que está no mar, e a todas as coisas que neles há, dizer: Ao que está assentado sobre o trono e ao Cordeiro sejam dadas ações de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre”**. O termo **“debaixo da Terra”** aqui não é o mesmo que em Filipenses; e significa – como a sequência das palavras mostra, **“e os que estão no mar”** – toda coisa animada sob a superfície da Terra. Assim, a passagem mostra o cumprimento do último versículo do Salmo 150: **“Tudo quanto tem fôlego louve ao SENHOR”**, e antecipa o louvor de toda a criação.

Assumindo então a exatidão de nossa interpretação, pode-se agora perguntar: Quando ocorrerá esse reconhecimento universal da autoridade de Cristo, juntamente com a confissão de Seu senhorio? Lembremo-nos de que é Deus, agindo conforme Seu próprio coração e também em justiça, que deu a Cristo esse lugar exaltado como Homem. Não é uma questão aqui de Sua Divindade, embora isso nunca deva ser esquecido, mas sim do lugar que Deus concedeu a Ele como o Homem que uma vez Se humilhou aqui, sendo obediente até à morte, e morte de cruz. E junto com Sua exaltação nesse caráter, foi emitido o decreto de que todas as criaturas com entendimento devem se curvar e reconhecer Sua soberania. Onde, então, refazendo a pergunta, a

obediência a este decreto será exibida? Ao procurar respondê-la, podemos tomar os três círculos de seres em sua ordem; e, primeiro, portanto, o das coisas no céu. Existem duas passagens especialmente relacionadas a esse assunto, às quais se pode fazer referência. Em Hebreus 1, em uma citação dos Salmos, lemos: **“E todos os anjos de Deus O adorem”**, e isso está em conexão com a introdução do Primogênito no mundo. Em Apocalipse 5, temos permissão para ouvir os milhões de milhões e milhares de milhares de anjos, quando o Cordeiro toma o livro da destra d'Aquele que está assentado no trono, dizendo com grande voz: **“Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e ações de graças”**. Além disso, quando o Filho do Homem vier em Sua glória, todos os santos anjos estarão com Ele, como guardiões de Seu trono, e assim aprendemos que o reconhecimento de Sua supremacia será constante e perpétuo – que, começando com o momento de Sua exaltação, continuará para sempre.

A submissão do segundo círculo, o das coisas na Terra, será, em certo sentido, mais gradual e extensa. Começou no dia de Pentecostes, pois o testemunho de Pedro naquele dia era que Deus havia feito Aquele mesmo Jesus, que os Judeus crucificaram, Senhor e Cristo; e todos os que pela graça receberam esse testemunho, de fato dobraram os joelhos a Cristo e confessaram Sua autoridade, conforme declarado pelos apóstolos. Foi assim com todos os convertidos desde aquele dia, e assim será com todos os que são trazidos das trevas para a maravilhosa luz de Deus, até o fim do dia da graça. Depois que a Igreja for levada, ainda haverá uma poderosa obra da graça, como pode ser deduzida de Apocalipse 7, e durante os mil anos será cumprida a gloriosa predição do Salmo 72: “[Ele] **dominará de mar a mar, e desde o rio até às extremidades da Terra**”. Aqueles que habitam no deserto se inclinarão diante d'Ele, e os Seus inimigos lambeirão o pó. Os reis de Társis e das ilhas trarão presentes; os reis de Sabá e de Sebá oferecerão dádivas. E todos os reis se prostrarão perante Ele; todas as nações O servirão.

Haverá, portanto, durante Seu glorioso reino na Terra, sujeição universal às Suas legítimas reivindicações como supremas, de modo que, como lemos em outro Salmo, **“Pela grandeza do Teu poder”** – poder exibido diante dos olhos dos homens – **“se submeterão a Ti os Teus inimigos”**, ou, como está na margem da versão King James, **“renderão obediência fingida”**. Durante esse reinado de justiça, o homem não ousará, quaisquer que sejam os pensamentos de seu coração, se rebelar contra o governo soberano de Cristo, exceto à custa de destruição instantânea. Exteriormente, portanto, todos estarão em professa submissão ao Seu governo. E não é um prazer contemplar essa perspectiva, quando o outrora humilhado e rejeitado Cristo será universalmente exaltado, mesmo ainda nesta Terra? O cenário que uma vez testemunhou Sua vergonha e ignomínia, então contemplará Sua exaltação e glória; e de milhões de corações subirá a alegre confissão de que é Seu devido direito, enquanto cantam: **“E bendito seja para sempre o Seu nome glorioso; e encha-se toda a Terra da Sua glória! Amém e amém!”**

Em relação ao último círculo, temos menos passagens positivas para nos guiar, embora o fato seja afirmado repetidas vezes que nada, nenhum ser no universo, será excluído da sujeição à Sua autoridade. (Veja, por exemplo, Ef 1:20-22; 1 Co 15:24-28; etc.) O tempo em que **“os anjos que não guardaram o seu principado”** serão tratados, é distintamente declarado, como estando no **“juízo daquele grande dia”** (Jd 6). E aprendemos em Apocalipse 20 que o próprio diabo será lançado no lago de fogo e enxofre, imediatamente antes da sessão de Cristo – a Quem todo o julgamento foi confiado – no grande trono branco, onde todos os mortos, pequenos e grandes, receberão sua recompensa eterna. Os demônios não são mencionados aqui, mas não pode haver dúvida de que eles estão incluídos no julgamento de seu líder e chefe. O julgamento final, portanto, seja dos anjos caídos, do próprio Satanás ou das multidões de mortos não convertidos (pois apenas esses aparecem diante do grande trono branco), ocorrerá no final de todas as tratativas de Deus com este mundo.

Antes do início dessa última sessão de julgamento, a Terra e o céu terão fugido da face d'Aquele que se assentará no grande trono branco, pois esta cena final do estabelecimento das santas reivindicações e da autoridade justa de Deus é preparatória para a introdução do novo céu e da nova Terra, onde a justiça reinará (habitará). Os propósitos de Deus a respeito da glória de Seu Filho amado, Sua vontade de que todo joelho se dobre a Ele e que toda língua confesse que Ele é o Senhor, terão sido cumpridos então. Todo o mal terá sido eliminado, pois Deus limpará toda a lágrima dos olhos de Seus redimidos, **"e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas"**.

Mesmo a exaltação e glória de Cristo têm, se podemos nos atrever a falar assim, um objetivo. Elas são, como lemos, **"para a glória de Deus Pai"**. Se Seus eternos conselhos a respeito de Cristo e Seus redimidos fluíram de Seu próprio coração, em sua realização e resultado, redundarão em Sua própria glória exibida diante dos olhos de todo o universo. Cabe ao crente antecipar isso: e, de fato, a contemplação deste fim glorioso de todos os caminhos de Deus encherá seu coração de admiração e adoração de tal forma que ele será constrangido a exclamar usando as palavras inspiradas do apóstolo: **"Porque d'Ele, e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória, pois, a Ele eternamente. Amém!"**. E novamente, **"a Ele seja glória na assembleia em Cristo Jesus, por todas as gerações, dos séculos dos séculos. Amém"** (JND).

Parte 7 – Em Seu Nome

Ao examinarmos esse título, descobriremos que há, de modo geral, um duplo significado conectado a essa expressão – um voltado para Deus e outro para o homem. A isso pode ser adicionada a expressão que, embora ligeiramente diferente, pode ser adequadamente incluída sob este título, ou seja, “*crer*” “**no Seu nome**” (Jo 1:12, 2:23). A palavra “**no**” neste caso não é no sentido que geralmente é traduzida, mas sim, “**em o**” ou “**para o**”, que unida com a palavra “*crer*”, indica o objeto para o qual a fé tem sido atraída. Isso será mais facilmente entendido se for explicado que existem na Escritura três maneiras principais de estabelecer a fé. Por exemplo, diz-se que Abraão creu *em* Deus [*“Abraham believed God”*]; também lemos várias vezes, especialmente no evangelho de João (embora as palavras nem sempre sejam assim traduzidas), sobre crer *no* Cristo, e, além disso, encontramos crer *a respeito* d’Ele, ou *sobre* Ele, como em Atos 16:31, etc. Há uma diferença muito distinta nesses vários modos de expressão. *Crer*⁵ em uma pessoa é receber sua palavra ou testemunho, *crer nela* (*believe in*) é acreditar que ela é digna de confiança; e *crer em* (*believe on*) é realmente descansar ou confiar no objeto da fé que foi apresentado à alma. Podemos ver, portanto, que crer no nome de Cristo é a concordância da alma à Sua confiabilidade, e que o nome de Cristo, a expressão de tudo o que Ele é, é aquilo que é proclamado no evangelho como o objeto para a fé. E a aceitação desse testemunho, o testemunho do que Cristo é, como o Senhor Jesus Cristo, é o início de todas as bênçãos. O direito para tomar o lugar de filhos está conectado a isso (Jo 1:12), como também o direito para a posse da vida eterna (Jo 3:15-16). Chamamos a atenção para isso, e sinceramente insistimos com o leitor, porque, sem o conhecimento desta porta de entrada para toda a bem-aventurança, é impossível entrar na consideração da virtude do

nome de Cristo. O valor de Seu nome deve ser conhecido para a salvação antes que possa ser desfrutado na presença de Deus, ou antes que possa ser usado no mundo.

Lemos em João 14, **“E tudo quanto pedirdes em Meu nome, Eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho. Se Me pedirdes alguma coisa em Meu nome, Eu o farei”**. Como mostram as últimas palavras do versículo 13, está aqui, de acordo com a verdade característica deste evangelho, o nome do Filho e não o de Cristo, mas isso ilustrará ainda mais nosso ponto. O que então nos é apresentado é que os crentes são divinamente autorizados a comparecer diante do Pai em nome do Filho; que eles mesmos, em relacionamento por terem nascido de novo e recebido o Espírito de adoção por meio da morte e ressurreição de Cristo, em associação com Ele em Seu próprio relacionamento (Jo 20:17), estão agora livres para entrar na presença de Seu Pai, e do Pai deles, em Seu bendito nome. Que essas palavras indicam o período após Sua morte, ressurreição e ascensão é evidente pelo fato de que a presença do Espírito Santo é contemplada (Jo 14:16-17, etc.). Quando esse tempo chegasse, e não antes, eles poderiam pedir ao Pai em Seu nome. Isso explicará a linguagem do Senhor no capítulo 16: **“E, naquele dia, nada Me perguntareis. Na verdade, na verdade vos digo que tudo quanto pedirdes a Pai, em Meu nome, Ele vo-lo há de dar. Até agora”** (durante o tempo de Sua permanência com eles na Terra) **“nada pedistes em Meu nome; pedi, e recebereis, para que vossa alegria se cumpra”** (vs. 23-24). Quem de nós entrou no vasto significado dessa passagem? Ou quem se valeu em todo o seu comprimento, largura, altura e profundidade da graça indescritível aqui expressa?

Vamos então examinar essas comunicações maravilhosas, e para nos ajudar, podemos perguntar, em primeiro lugar, o que se entende por pedir em nome do Filho. Estar diante do Pai dessa forma é estar lá em todo o valor desse nome, de acordo com a própria estimativa do Pai, com toda a reivindicação do Filho sobre o coração do Pai e com a autoridade do Filho para a

apresentação de nossas petições. Quando Ele mesmo, o Filho encarnado, estava junto ao túmulo de Lázaro, disse: **“Pai, graças Te dou, por Me haveres ouvido. *Eu bem sei que sempre Me ouves*”**. Se, portanto, pedirmos alguma coisa em Seu nome, também seremos sempre ouvidos e isso é precisamente o que o bendito Senhor promete aqui. Então, entendendo que Ele nos deu essa liberdade e privilégio, quando estamos no gozo do relacionamento que Ele assegurou para nós com o Pai, duas coisas ainda precisam ser determinadas, primeiro, quanto à Sua autoridade necessária para as petições aqui referidas, segundo, quanto ao assunto delas. A autoridade do Filho para expressar quaisquer desejos especiais gerados em nosso coração só pode ser obtida em comunhão com Sua própria mente, como a Escritura nos ensina pelo Espírito Santo. E, portanto, seu assunto só pode dizer respeito às próprias coisas do Filho. Ou seja, em outras palavras, a garantia dada de que tudo o que pedirmos em Seu nome será feito não pode indicar nossas próprias necessidades e desejos pessoais, mas supõe que Seu povo esteja em comunhão com Seus próprios desejos, objetos e interesses, para que possam orar por eles em Seu próprio nome e com Sua autoridade. Pois quando aprendemos, em qualquer fraca medida, quais são os conselhos do Pai para a glória de Seu Filho amado, somos livres, se tivermos deixado de nos ocupar conosco, para sermos levados ao vasto círculo das coisas do Filho e das coisas do Pai (Jo 16:14-15), e orar pelo cumprimento de todos esses propósitos maravilhosos de Seu amor. Que lugar é esse em que somos introduzidos! E que graça nos investe com toda a Sua própria preciosidade diante do Pai!

Se por um lado podemos comparecer diante de Deus em nome de Cristo, por outro, isso nos instrui a que façamos tudo, seja entre nossos irmãos ou no mundo, em nome do Senhor Jesus, dando graças a Deus e Pai por Ele (Cl 3:17). Esses dois aspectos são constantemente, e de todas as maneiras, apresentados na Escritura. Em João 17, por exemplo, depois que o Senhor colocou os discípulos em Seu próprio lugar diante do Pai, Ele lhes dá Seu

próprio lugar diante do mundo. Pedro, da mesma maneira, ensina que, se os crentes têm um *santo sacerdócio* para oferecer sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus por Jesus Cristo, eles também têm um *sacerdócio real* para mostrar ao mundo os louvores (excelências) d'Aquele que os chamou das trevas para Sua maravilhosa luz. Isso é apenas para declarar a bendita verdade de que o crente é inseparável de Cristo, seja diante de Deus ou diante dos homens, que pela graça ele está tão ligado a tudo o que Ele é e realizou, que ele entra no Santo dos Santos em todo o valor de Sua Pessoa e Sua obra, e passa pelo mundo como Seu representante. Na verdade, esta última palavra é a que mais expressa o que é agir em nome de Cristo, ou, como nessa passagem, em nome do Senhor Jesus (Cl 3:17). É agir em Seu nome e sob Sua autoridade. O que um embaixador, ou um agente diplomático, é em relação ao seu soberano, o Cristão é em relação a Cristo. Ele deve ser governado inteiramente pela vontade de seu Senhor, ele deve, com toda a fidelidade, expressar Sua mente, estudar Suas instruções e procurar de todas as maneiras promover Seus interesses. O egoísmo e os objetivos egoístas não podem ter lugar em tal missão, seu lema deve ser o do apóstolo Paulo: **"Para mim o viver é Cristo"**, e somente Cristo é o Motivo e o Objeto de todas as suas atividades.

Podemos fazer uma pausa na presença de tal declaração e exclamar: Quem é apto para tal missão? Para que ninguém, portanto, se sinta sobrecarregado com o pensamento do que podem considerar uma responsabilidade tremenda, lembrem-se de que Aquele que nos envia para agir em Seu nome nos sustenta na missão com todo o Seu poder. Ninguém vai à guerra por conta própria a qualquer momento. O nome do Senhor, de fato, quando corretamente sustentado e usado, carrega onipotência consigo. Assim, quando os setenta voltaram para o Senhor, eles disseram: **"Senhor, em Teu nome, até os demônios se nos submetem"** (Lc 10:17 – AIBB) ("**em**" e não "**pelo**", como traduzido na ARC, ARA) **"Eis"**, respondeu o Senhor, **"que vos dou poder para pisar serpentes, e escorpiões, e toda a força do**

Inimigo". A missão e o poder para sua realização estão, portanto, intimamente ligados, apenas a fé, a fé em ação, é a condição essencial para o uso do poder. Essa verdade precisa ser insistentemente enfatizada no momento atual, se quisermos que haja um reavivamento ou recuperação, antes do retorno do Senhor. Está escrito: **"Tudo é possível ao que crê"**; lemos as palavras, não duvidamos delas, e ainda assim raramente pensamos na possibilidade de serem comprovadas em nossa própria experiência. Um santo do passado sabia o segredo quando escreveu: "Senhor, dá o que Tu ordenas, e então ordena o que Tu queres". Mesmo assim, pois é apenas pelo próprio poder do Senhor que o menor de Seus preceitos pode ser traduzido em prática; embora seja igualmente verdade que Seus maiores mandamentos são tão fáceis de executar quanto o menor, na medida em que o poder adequado está sempre a serviço da fé. Isso é visto no caso do homem com a mão mirrada. Como ele poderia esticar um braço que estava seco e morto? Ele creu, e o poder divino fluiu para sua mão morta; ele a estendeu, e eis que **"ficou sã como o outra"**.

Algumas ilustrações de ação em nome de Cristo ajudarão no entendimento de todo o assunto. Tomemos primeiro um exemplo de atividade apostólica nos dias pentecostais. Quando Pedro e João encontraram o coxo na porta do templo que é chamada Formosa, Pedro expressamente negou agir em sua própria autoridade, ou poder, dizendo: **"Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda"** (At 3:6). Da mesma forma, Paulo, **"em nome de Jesus Cristo"**, ordenou que o espírito maligno que possuía a jovem que o seguia por muitos dias saísse dela. Em ambos os casos, eles agiram, portanto, como Seus servos e usaram, no exercício da fé, Seu poder nos milagres operados. Da mesma forma, ao corrigir distúrbios entre os santos em Corinto e em Tessalônica, o apóstolo agiu em nome de nosso Senhor Jesus Cristo (1 Co 5:4; 2 Ts 3:6). Esses exemplos serão suficientes para mostrar que em todo serviço, bem como em todos os deveres e responsabilidades da vida diária, é privilégio do crente agir em

nome de seu Senhor. É, de fato, seu verdadeiro chamado estar diante dos homens como o representante de Cristo. Isso pode ser visto em outro aspecto de uma passagem em Pedro. **"Se, pelo** (literalmente, **"em") nome de Cristo sois vituperados"**, diz ele, **"bem-aventurados sois"** (1 Pe 4:14). Aqui é evidente que os inimigos de Cristo consideravam Seu povo como levando Seu nome e, assim, se levantavam no mundo como representantes d'Ele. Por isso, a inimizade deles contra Cristo se manifesta na perseguição de Seus seguidores. E o Cristão nunca pode se desvencilhar desse relacionamento com o seu Senhor ausente. Seja na assembleia, em seu lar ou movendo-se entre seus semelhantes, em todos os lugares e em todos os momentos, ele deve lembrar-se de que leva o nome de Cristo para agir em Seus interesses, sob Sua autoridade e em Seu nome.

Repetindo, talvez, mais uma vez: Que privilégio indescritível ser dotado da liberdade de comparecer diante de Deus e dos homens em nome de Cristo! É, por outro lado, a própria grandeza do privilégio que indica a vastidão da responsabilidade. Pois se nos é confiado o nome de Cristo, como um santo padrão, que vigilância incessante e que percepção de nossa dependência são necessárias para mantê-lo em toda a sua pureza e guardá-lo de toda desonra? Para nos encorajar a ser diligentes nesse objetivo, podemos nos lembrar de quão precioso é para o coração de Cristo contemplar Seu povo zeloso e diligentemente cuidando da honra de Seu nome. Como lemos no profeta Malaquias, **"Então, aqueles que temem ao SENHOR falam cada um com o seu companheiro; e o SENHOR atenta e ouve; e há um memorial escrito diante d'Ele, para os que temem ao SENHOR e para os que se lembram do Seu nome"** (cap. 3:16). Foi um dia de abundante iniquidade e corrupção entre o povo de Deus, mas esse remanescente piedoso foi separado do mal para os laços da santa comunhão por seu temor piedoso e seu amor pelo nome de Jeová. Os olhos do Senhor estavam sobre eles, e no regozijo de Seu coração Ele proclamou: **"E eles serão Meus..., naquele dia que farei, serão para Mim particular tesouro"**, isto é, no dia do

juízo vindouro, Ele os colocaria em Sua casa do tesouro entre Suas coisas preciosas. Que todos nós desejemos a aprovação do Senhor por cuidarmos da honra de Seu nome mais precioso e inigualável.

Parte 8 – Por Amor do Seu Nome

Há duas ou três expressões que podem ser consideradas sob esse título. Pode-se perceber uma certa diferença em seu significado, mas, em sua aplicação prática, elas têm, para todos os efeitos, a mesma força. Uma pode ser traduzida como “por causa”, ou “em razão de Seu nome”, outra, como o título deste capítulo, e ainda outra, “em favor de Seu nome”. Em todas as três, a ideia fundamental é o valor do nome para aquele que age, suporta ou sofre, e isso também encontrará, como esperamos ver, uma exemplificação nos atos de graça de Deus para com Seu povo. As palavras: **“Teu nome é como unguento derramado”** já estiveram diante de nós, e as expressões que serão adicionadas agora fornecerão outra ilustração do fato de que é a fragrância do nome de Cristo que deleita tanto o coração de Deus quanto o coração de Seu povo. Por isso, lemos em conexão com as bênçãos de Seu justo domínio durante os mil anos, que **“O Seu nome permanecerá eternamente; o Seu nome se irá propagando de pais a filhos, enquanto o Sol durar; e os homens serão abençoados n’Ele; todas as nações Lhe chamarão Bem-aventurado”** (Sl 72:17). Sim, por toda a eternidade continuaremos a cantar o cântico que aprendemos na Terra:

*“Teu nome amamos, Senhor Jesus,
E humildemente nos curvamos diante de Ti;
E enquanto vivemos, a Ti bendizemos
E damos Te toda adoração e glória”.*

No primeiro caso diante de nós, é o valor do nome para Deus, que fornece a base para o exercício de Seu amor perdoador. O apóstolo João diz assim: **“Filhinhos, escrevo-vos porque, pelo Seu nome, vos são perdoados os pecados”** (1 Jo 2:12). Toda a verdade da graça está contida nesta breve declaração, pois o termo **“filhinhos”** nessa passagem compreende toda a família de Deus. Aprendemos com isso que, no perdão dos pecados, Deus

age unicamente com base no valor do nome de Seu Filho amado, mas em virtude de Seu nome como Aquele que O glorificou na Terra e consumou a obra que Ele Lhe deu para fazer. Que equívocos seriam eliminados da mente das almas ansiosas se essa simples verdade fosse apreendida! Pois então, em vez de passar dias cansativos em busca de algo bom ou mérito em si mesmos, sobre o qual descansar para serem aceitos diante de Deus, ou como uma evidência inquestionável de sua conversão, eles perceberiam que, para serem salvos, deve ser totalmente por meio do que Cristo é para Deus. Que todos esses, portanto, ponderem em oração as palavras, **“por amor do Seu nome”**, na medida em que mostram, além da possibilidade de dúvida ou erro, que a atitude de Deus para com todos os que vêm a Ele confessando seus pecados, depende inteiramente de Sua estimativa do valor do nome d'Aquele bendito que agora está assentado à Sua direita. Que rocha imutável e inabalável é assim fornecida para nossa alma – aquela Rocha Eterna, de fato, na qual podemos descansar para sempre em perfeita paz, uma paz que nenhuma mudança de sentimento ou experiência poderá afetar. Nunca deixemos de proclamar essa bendita verdade às almas atingidas pelo pecado e cansadas, pois é o próprio cerne das boas novas de Deus aos homens neste dia de graça.

E não apenas recebemos o perdão de nossos pecados, mas nossos pés também são mantidos, enquanto passamos pelo deserto, da mesma maneira. Lemos, por exemplo, no Salmo 23: **“Ele restaura a minha alma; Ele me guia nas veredas da justiça por amor do Seu nome”** (JND). Ou seja, Deus empreendeu tudo por nós no mesmo terreno no qual Ele perdoou nossos pecados. O motivo de todas Suas atividades de graça e amor, de Sua atitude imutável, de Seu cuidado e proteção vigilantes, é encontrado em Cristo, e não em nós mesmos. Isso é abençoadamente exemplificado no Salmo de onde a citação acima é tirada; só aqui, é o Senhor como nosso Pastor, agindo mais de Seu próprio coração e do relacionamento que Ele teve o prazer de assumir em relação ao Seu povo. O argumento simples

é que, se Ele Se tornou nosso Pastor, Ele fornecerá tudo o que for necessário para nós, seja em nosso caminho de peregrinação ou ao passar pelo vale da sombra da morte. Mas o versículo citado mostra que é por causa de Seu próprio nome que Ele mantém esses relacionamentos de graça. Se estamos cansados, desanimados, desencorajados ou deprimidos, Ele restaura nossa alma, e, como precisamos de orientação constante, com todo desejo de trilhar Seus caminhos, mas muitas vezes incapazes de discerni-los, Ele Se colocou à nossa frente e nos conduz nos caminhos da justiça por amor de Seu nome. Se, então, o nome de Cristo é tão indizivelmente precioso para Deus, e se constitui a base totalmente eficaz de Seu relacionamento conosco, como devemos procurar zelosamente estar em comunhão com Ele sobre isso, e assim, tendo algum senso fraco de Seu valor, deleitar-nos em nos aprofundar n'Ele, descansando n'Ele em nossas aproximações com Deus, assim como Ele descansa n'Ele em Seus relacionamentos conosco.

A comunhão com o coração de Deus, de fato, quanto à preciosidade do nome de Cristo, é o verdadeiro segredo da devoção e coragem incansáveis de muitos de Seus seguidores. O apóstolo Paulo pode ser mencionado como uma ilustração especial disso, embora as palavras **“por amor do Seu nome”** não sejam usadas. Em cativo, e não mais capaz de entregar sua mensagem abençoada – com a perspectiva da morte a qualquer momento, pois ele não sabia se seria jogado aos leões imediatamente – era seu consolo, apesar dos motivos mistos que governavam a atividade de muitos, que Cristo fosse pregado, e nisso ele se regozijou e se regozijaria. Toda a sua expectativa e esperança era que ele pudesse ser mantido e sustentado de modo que Cristo pudesse ser magnificado em seu corpo, fosse pela vida ou pela morte. Absorvido em seu objetivo, somente Cristo delimitava seu horizonte, e, portanto, por amor a Cristo, ele estava disposto a sofrer qualquer coisa e tudo, se pudesse apenas trazer glória ao Seu bendito nome. Da mesma forma, lemos em outra epístola de alguns que tiveram o nome de Cristo

tão indelévelmente gravado no coração que, por Sua causa, aceitaram com gozo a espoliação de seus bens, de outros que provaram cruéis escárnios e açoites, cadeias e prisões, e de outros também que foram serrados ou mortos à espada, enquanto se alguns escaparam do martírio, tiveram que vagar em peles de ovelhas e cabra, sendo desamparados, afligidos e maltratados (Hb 10 e 11).

Esse caráter sofredor do caminho de Seus discípulos foi, muitas vezes, o tema da instrução de nosso Senhor. Longe de esconder deles as aflições e perseguições que encontrariam, Ele os advertiu em todas as ocasiões possíveis do que teriam que suportar por causa de Seu nome. Assim, por exemplo, Ele diz no sermão da montanha: **"bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem, e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por Minha causa"**. Em outro momento, **"Então, vós hão de entregar para serdes atormentados e matar-vos-ão; e sereis odiados de todas as gentes por causa do Meu nome"**, e mais uma vez: **"Se a Mim Me perseguiram, também vos perseguirão a vós", "vem mesmo a hora em que qualquer que vos matar cuidará fazer um serviço a Deus"**. Assim aconteceu, pois Paulo escreveu (citando os Salmos): **"Por amor de Ti somos entregues à morte todo o dia: fomos reputados como ovelhas para o matadouro"**. Mas se nosso bendito Senhor nos preveniu do que pode ser imposto a nós por meio da confissão de Seu nome, Ele também ministrou o sustento e a consolação necessários. De Si mesmo em Seu caminho por entre este mundo, está escrito que pelo gozo que estava diante d'Ele, Ele suportou a cruz, desprezando a afronta, e para nosso encorajamento, Ele deixou registradas estas palavras: **"E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, por amor do Meu nome, receberá cem vezes tanto e herdará a vida eterna"**.

Sofrer *com* Cristo é uma necessidade, em certa medida, se somos filhos de Deus, mas sofrer *por* Cristo é um privilégio ligado à fidelidade em Seu serviço. Como exemplo disso, o caso de

Pedro e João pode ser apresentado. Levantados perante o conselho judaico, haviam sido proibidos de falar ou ensinar em nome de Jesus, mas, obedecendo a Deus em vez de aos homens, prosseguiram com sua bendita obra.

Mais uma vez presos, depois de terem sido milagrosamente libertados da prisão, foram espancados e ordenados a não falar em nome de Jesus. Eles ficaram desanimados ou assustados por causa do que tiveram que suportar? De maneira nenhuma, eles, **“Retiraram-se, pois, da presença do conselho, regozijando-se de terem sido julgados dignos de padecer afronta pelo nome de Jesus”** (At 5:40-41). Qual é então o segredo dessa superioridade à vergonha e ao sofrimento? É a preciosidade de Cristo para o coração de Seu povo, a certeza de Sua presença com eles e o conhecimento de que mesmo a morte é apenas o caminho da vida para Sua presença eterna. Se por nossa causa Ele Se tornou pobre, para que por meio de Sua pobreza pudéssemos ser ricos, certamente não é grande coisa se formos ensinados, pela graça, a considerar, como Moisés, o vitupério de Cristo como maiores riquezas do que os tesouros do Egito, e se estivermos dispostos a sofrer perseguição e suportar a perda de todas as coisas aqui por causa do Seu nome.

Ainda outro exemplo do poder do nome de Cristo pode ser considerado. Na terceira epístola de João, lemos sobre alguns que **“por amor do nome”** (TB) saíram, sem tomar nada dos gentios. A forma da frase, **“por amor do nome”**, nessa passagem coincide exatamente com a usada por Pedro e João em Atos 5, e assim concluímos que foi o valor do nome de Cristo para o coração deles que levou este último a se regozijar no sofrimento, e o primeiro a recusar o apoio do mundo por seu serviço. Bom teria sido para a Igreja de Deus se o exemplo desses devotos servos tivesse sido seguido. Nada corrompeu tanto o Cristianismo quanto a aceitação da ajuda mundana para o avanço de seus objetivos. Antes de o Senhor ser crucificado, Ele disse aos Seus discípulos: **“Quando vos mandei sem bolsa, alforje ou sandálias, faltou-vos, porventura, alguma coisa? Eles responderam:**

Nada". Ele é menos terno em Seu cuidado com Seus servos agora que está glorificado à direita de Deus? Um nobre exército de servos dedicados em todas as partes do mundo testemunhará de bom grado que eles também, embora sem o apoio garantido do homem e recusando a assistência do mundo, nada lhes faltou. E seria o início de uma nova era no serviço Cristão, e especialmente nas missões Cristãs, se aqueles envolvidos nelas saíssem na mesma fé simples na total suficiência do nome de seu Senhor. Nos últimos dias da história da Igreja na Terra, que muitos verdadeiros crentes sejam levantados e enviados para a seara pelo Senhor da seara – homens a quem o nome de Cristo é tão precioso que eles podem encontrar n'Ele seu Único motivo, o Único estímulo para seu zelo, e sua abundante garantia para toda a sua dependência d'Ele, para todo o seu apoio necessário.

O leitor encontrará muita edificação ao traçar outros casos na Escritura, e nossa oração é que cada um que seja encorajado a fazê-lo pela leitura do que foi escrito, possa encontrar, enquanto estiver envolvido, que seu coração seja atraído mais plenamente na adoração e louvor de nosso bendito Senhor e Salvador, e que possa se tornar seu único e intenso desejo, em toda a sua vida futura, de trazer glória a este precioso NOME.

Parte 9 – Para o Seu Nome

Se o termo “nome”, conforme usado para nosso bendito Senhor e Salvador, é a expressão de tudo o que Ele é, não causará surpresa encontrá-lo apresentado a nós de tantas maneiras e aspectos diferentes. A conexão necessária, de fato, entre a Palavra viva e a Palavra escrita, na medida em que a última contém a revelação da primeira, fornece a explicação. Segue-se que quanto mais temos o próprio Cristo diante de nós, ao ler a Escritura, mais plenamente estamos na mente do Espírito Santo, e melhor estamos preparados para o discernimento dos raios de Sua glória, que brilham de cada página. Considerar a Escritura como a exibição de Cristo, de Deus revelado em Cristo, é uma proteção segura contra o erro, bem como o antídoto para os ensinamentos racionalistas da época, enquanto, ao mesmo tempo, tende a produzir aquela reverência e adoração na alma, sem a qual é impossível receber as comunicações divinas nelas feitas. Nunca é demais enfatizar esse ponto, e sua observação é seriamente recomendada à atenção do leitor.

Ao passar agora a considerar a frase “para o Seu nome”, propomos selecionar dois ou três exemplos de seu uso para ilustrar seu significado e apontar como, em cada caso, ela traz à tona, seja como Líder, Objeto ou Centro, a Pessoa de nosso bendito Senhor. Tomamos em primeiro lugar a expressão: **“Batizados em [para o – JND] nome do Senhor Jesus”** (At 8:16; 19:5). Em ambos os casos, em nossa versão, é traduzido, **“em nome do Senhor Jesus”**; mas as palavras só poderiam ser traduzidas com precisão, nós apreendemos, como **“para o nome”**, etc. Isso, de fato, pode ser mostrado a partir de traduções da mesma palavra em outros lugares. Assim, em Atos 19:3, onde o apóstolo diz: **“Em [Para – JND] que sois batizados, então?”** E eles disseram: **“No [para o – JND] batismo de João”**, a mesma palavra é usada. Da mesma forma, em 1 Coríntios 10:2, que **“todos foram**

batizados em [para – JND] Moisés”, a mesma palavra também é empregada. É, portanto, abundantemente claro que **“em”** deve ser substituída por **“para”** nas duas passagens citadas; e é necessário que isso seja feito, pelo fato de que **“em nome do Senhor”** também é encontrado em conexão com o batismo (At 10:48). O significado nesse caso, como explicado em um capítulo anterior, será que aqueles que batizaram Cornélio e aqueles que ouviram a Palavra com ele, agiram, pela direção de Pedro, em nome e sob a autoridade do Senhor.

Tendo agora elucidado a força do termo, seu significado pode atrair nossa atenção. A expressão semelhante em 1 Coríntios 10 pode nos ajudar a averiguar isso. Não pode haver dúvida de que ser batizado *para* Moisés implica levar o povo à associação com Moisés como sob sua autoridade. Da mesma forma, ser batizado *para* nome do Senhor Jesus trouxe aqueles que foram batizados para o terreno onde Sua autoridade era suprema e para a companhia daqueles que reconheciam essa autoridade. O nome do Senhor expressará, então, nesse contexto, o que Cristo é quando exaltado e glorificado como Senhor; e os batizados O confessam como tal, e também reconhecem Suas reivindicações e Sua autoridade sobre eles. Não é toda a verdade do batismo, pois Paulo ensina que todos os que foram batizados em [para] Cristo Jesus foram batizados *na [para] Sua morte*. Mas não entramos nisso aqui, pois desejamos nos limitar à passagem diante de nós e chamar a atenção para seu significado. Para não ir mais longe, então, sua importância é a autoridade absoluta de Cristo como Senhor, e a responsabilidade da confissão por parte daqueles que foram batizados. Em um dia de profissão e declínio, é bom perguntar se as almas que foram levadas ao terreno do Cristianismo estão cientes das responsabilidades que assumiram. Certamente o Senhor também pode dizer a muitos de nós neste dia: **“E por que Me chamais, Senhor, Senhor, e não fazeis o que Eu digo?”** Pois nunca houve um tempo em que o espírito de rebeldia fosse mais predominante, mesmo em combinação com a confissão do nome e autoridade de Cristo. Se o primeiro dever

de um soldado é a obediência inquestionável, certamente um Cristão deve ser marcado perante o mundo por sua sujeição incondicional à autoridade de seu Senhor, conforme expressa em Sua Palavra, e por seu incansável zelo e dedicação em manter a honra de Seu bendito nome. **“O Teu povo se apresentará voluntariamente no dia do Teu poder”**.

Outro exemplo do uso da mesma frase pode ser citado na epístola aos Hebreus. Onde lemos: **“Deus não é injusto para Se esquecer da vossa obra e do trabalho da caridade que para com o Seu nome, mostrastes, enquanto servistes aos santos e ainda servis”** (Hb 6:10). Em muitos aspectos, essa é uma passagem notável pela preciosidade das verdades que contém. Observarmos que aqui é o nome de Deus, pois Cristo, nesta epístola, é visto como o Sumo Sacerdote à direita de Deus, onde Ele tanto representa como intercede por Seu povo. Ainda assim, é o nome de Deus revelado em Cristo, pois no capítulo 1 somos lembrados de que o Filho é chamado de Deus. Sendo assim, temos que perguntar sobre o significado das palavras – para Seu nome – nesta passagem. Em primeiro lugar, é claro que o apóstolo faz alusão ao ministério aos santos. Esses crentes hebreus estavam fazendo o bem e **“comunicando”**, isto é, compartilhando o que possuíam com seus companheiros santos que estavam em necessidade, pois eles haviam apreendido a verdade de que com tais sacrifícios Deus Se agradava. (veja o cap. 13:16). Ao cuidar assim com verdadeiro amor fraternal das necessidades dos santos de Deus, eles estavam, diz o apóstolo, mostrando bondade para Seu nome.

Mas isso requer mais explicações. Deve então ser lembrado que nosso bendito Senhor Se identifica plenamente com Seu povo, e que Seu nome é invocado sobre eles, bem como confiado a eles para levar e manter Sua honra diante dos homens. Portanto, receber um Cristão em nome de Cristo é receber o próprio Cristo, e, além disso, receber a Cristo é receber Aquele que O enviou. Deus é assim identificado com Cristo (não falando agora de Sua unidade essencial), e Cristo Se torna um com Seu povo. Voltando

então para o outro lado, será imediatamente entendido que tudo o que é ministrado aos Seus é bondade demonstrada ao Seu nome. Ele mesmo explicou isso nas palavras sempre memoráveis: **“quando o fizestes a um destes Meus pequeninos irmãos, a Mim o fizestes”**. Assim também, em um sentido ainda mais profundo, Ele poderia dizer a alguém que tinha sido o inimigo amargo e implacável de Seu povo: **“Por que Me persegues?”** Quão abençoado é um encorajamento para lembrar, em todos os momentos, que o Senhor considera o que é feito aos Seus santos como feito a Si mesmo! E aqui está também o segredo de todo verdadeiro serviço entre Seu povo. Se eles forem nosso objetivo, por mais que possam se beneficiar do serviço, não é um serviço que o Senhor possa recomendar. Nesse caso, pode haver amor fraternal, ou pelo menos a aparência dele, em exercício, mas o que deveria ser a fonte divina dele, o próprio Cristo, estaria faltando. Estar imbuído dessa verdade produziria dedicação incansável e incessante.

Como outro exemplo, podemos nos referir a Mateus 18. Damos toda a passagem: **“Também vos digo que, se dois de vós concordarem na Terra acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por Meu Pai, que está nos céus. Porque onde estiverem dois ou três reunidos em Meu nome** (as palavras aqui também são traduzidas mais corretamente, ***“para o Meu nome”***), **aí estou Eu no meio deles”** (vs. 19-20). Para entender a bendita instrução dessa passagem, deve-se ter em mente que o capítulo 18 “supõe Cristo rejeitado e ausente, e a glória do capítulo 17 ainda por vir. A questão passa por cima do capítulo 17 para se conectar com o capítulo 16”, e a razão disso é que esse capítulo 18 trata dos dois assuntos introduzidos no capítulo 16, a Igreja e o reino, que devem ocupar o lugar de Cristo na Terra durante o período de Sua ausência e permanência à direita de Deus, onde Ele estará até que Seus inimigos sejam postos por escabelo de Seus pés (Sl 110). Também pode ser apontado que, em conexão com a menção da assembleia, no capítulo 18, é feita provisão para três coisas: primeiro, a questão da transgressão contra um irmão,

segundo, a administração da disciplina, ligar e desligar, com sua ratificação divina quando feita de acordo com Deus, e por último, o que mais imediatamente nos preocupa neste capítulo, a condição das orações que prevaleciam.

Será notado pelo leitor que o versículo 19 inicia uma instrução adicional, como mostrado pelas palavras: **"Também vos digo"**, etc., embora não possamos duvidar de que o grupo, **"dois de vós"**, ou os **"dois ou três"**, está conectado com a assembleia no versículo 17. O que se acrescenta é o ensinamento relativo à concordância na oração, em vez de qualquer coisa que diga respeito à Igreja, exceto, de fato, a revelação da maravilhosa graça que associa a presença e união do Senhor em oração com quaisquer dois ou três que possam estar reunidos para Seu nome. Então, entendendo isso, tudo depende, como será percebido, do que se entende por estar assim reunido. Falando em termos gerais, pode-se dizer que o ponto essencial é que, como "nome" expressa a verdade da Pessoa, o próprio Senhor deve ser o Centro e o Objeto da reunião. Mas também deve ser lembrado que Seu nome completo neste relacionamento é o *Senhor Jesus Cristo*. Seu nome, como tal, fala, portanto, de Sua autoridade, Sua Pessoa e Sua obra. A reunião, então, deve estar sob e sujeita à Sua autoridade, e também para manter as verdades de Sua Pessoa e obra. Que o poder de reunião é o Espírito Santo é evidente pelo fato de que Ele está aqui para glorificar a Cristo; e sendo assim, Ele não poderia sancionar qualquer assembleia onde a supremacia de Cristo não fosse reconhecida, ou onde pudesse haver qualquer indiferença às glórias de Sua Pessoa, ou ao caráter da expiação feita na cruz. Todo grupo, portanto, que alega estar reunido ao Seu nome deve responder a esses testes.

Essa é a condição que o próprio Senhor estabelece para a Sua própria presença quando diz: **"Onde dois ou três estiverem reunidos em [são reunidos para o – JND] Meu nome, aí estou Eu no meio deles"**. Isso não quer dizer, lá *estarei* Eu, mas lá *estou* Eu, e então aprendemos que a reunião assim – para Seu nome – garante Sua presença. A percepção disso pode depender de

nosso estado de alma, como deve acontecer, mas a presença do Senhor é um fato relacionado ao cumprimento de uma condição. Que graça! E que fonte de bênção e poder no meio dos Seus! Um exemplo disso, de fato, é dado, pois Ele nos diz que Ele mesmo, presente no meio de Seus santos reunidos dessa maneira, é o poder de produzir concordância em oração e a garantia de que toda oração assim será respondida pelo Pai. Que espaço para o exame de coração quanto ao caráter de nossas reuniões, é assim proporcionado! E que chamado nos é feito para examinar nosso próprio estado individual de alma, mesmo que estejamos verdadeiramente reunidos ao Seu nome! Uma das armadilhas de Satanás é nos levar a tomar as coisas como certas; o meio de evitar isso é estar constantemente diante de Deus, desejando ter tudo quanto a nós mesmos e nossas associações, exposto pela luz de Sua presença, e ter tudo testado por Sua Palavra infalível.

Parte 10 – Um Nome Escrito – Palavra de Deus

“E tinha um nome escrito... e o nome pelo qual Se chama é a Palavra de Deus” (Ap 19:12-13).

É somente quando percebemos que o Apocalipse é um livro de julgamento, que estamos preparados para os aspectos inusitados em que nosso bendito Senhor é aqui apresentado. No capítulo 1, Ele é visto julgando no meio dos sete castiçais de ouro, e de tal maneira que até mesmo o discípulo amado caiu a Seus pés como morto. Nessa passagem também – mas agora em relação ao mundo – Ele Se reveste da mesma aparência judicial, simbolizada pela mesma característica em que **“Seus olhos eram como chama de fogo”**. De fato, é expressamente dito nesta passagem que Ele **“julga e peleja com justiça”**. É o mesmo Jesus que uma vez Se assentou em uma humilde aparência ao poço de Samaria, mas que agora, depois de Sua longa permanência à direita de Deus, está retornando a este mundo que O rejeitou e crucificou, para reivindicar Seus direitos e estabelecer Seu trono, e assim glorificar a Deus, tornando bom tudo o que Ele é em Seu governo justo. Todas as coisas devem ser colocadas sob Seus pés, e em Sua súbita Aparição por meio do céu aberto, O vemos vindo para subjugar, entrar e possuir Sua legítima herança.

Antes de considerar o significado dos nomes aqui mencionados, será proveitoso chamar a atenção para a conexão. Na parte inicial do capítulo 19, são apresentados eventos de grande importância nos caminhos divinos. Todo o céu se enche de louvor quando a grande corruptora da Terra se encontra com sua justa condenação pelas mãos de Deus. Depois disso, temos a celebração da ceia das bodas do Cordeiro, para a qual Sua esposa havia se aprontado e estava, pela graça, vestida de linho fino, puro e resplandecente – a justiça dos santos. Em Efésios,

temos a apresentação privada e íntima da noiva como **“uma Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante; mas santa e irrepreensível”**. Aqui se trata do casamento público, para o qual os convidados são chamados e com o qual todas as hostes celestiais podem estar em comunhão. Isso marca o término do tempo da paciência de Jesus Cristo, e, se Ele estava na cena anterior, em Sua vergonha e humilhação, aqui, está prestes a ser exaltado, e Ele compartilhará a glória de Seu trono com Sua amada noiva.

Esta é a quarta vez que o céu aberto é mencionado no Novo Testamento. A primeira ocasião foi no batismo de Jesus, quando **“se Lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre Ele. E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o Meu Filho amado, em Quem Me comprazo”**. O humilde Jesus, cumprindo toda a justiça e identificando-Se com Seu povo pobre e aflito – os santos na Terra e o Excelente, em Quem estava todo o Seu prazer – é aqui visto como o Objeto do coração de Seu Deus. Em seguida, Ele mesmo fala a Natanael e diz: **“Na verdade, na verdade vos digo que, daqui em diante, vereis o céu aberto e os anjos de Deus subirem e descerem sobre o Filho do Homem”**. Aqui na Terra – naquela época e também no futuro – apreendemos que Ele é visto como o Objeto do ministério dos anjos. Com a morte de Estevão, ocorre a terceira vez, assim descrita: **“Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem, que está em pé à mão direita de Deus”**. O Objeto do coração de Deus agora Se tornou o Objeto do crente, que assim, pela graça, foi associado a Deus em Seu próprio prazer no Seu Filho amado. Agora, por último, os céus se abrem para que o Filho do Homem possa sair, como vimos, em justiça para julgar e pelejar.

Depois que a descrição pessoal foi dada, é dito: **“e tinha um nome escrito que ninguém sabia, senão Ele mesmo”**. A introdução dessa afirmação neste lugar especial é muito marcante: **“E os Seus olhos eram como chama de fogo; e sobre a Sua cabeça havia muitos diademas”**; e então, antes de relatar

que Ele estava **“vestido de uma veste salpicada de sangue”**, o nome secreto e escrito é mencionado. Deve haver uma razão para isso; e como explicação, não podemos deixar de mostrar as palavras ditas por alguém: *“Mas, embora assim revelado como Homem, Ele tinha uma glória em que ninguém poderia penetrar”*; e o escritor acrescenta em uma nota: *“Assim foi quanto à Sua Pessoa e serviço. Ninguém conhecia o Filho senão o Pai. Era o segredo de Sua rejeição. Ele era assim, e necessariamente assim no mundo. Mas o mundo sob a influência de Satanás não perceberia isso. Em Sua humilhação, Sua glória divina foi mantida nas profundezas insondadas de Sua Pessoa. Agora Ele é revelado em glória, mas sempre permaneceu aquilo que ninguém poderia sondar ou penetrar – Sua própria Pessoa e natureza... como revelando Deus, em graça ou poder, de modo a torná-Lo conhecido, nós O conhecemos. Mas Sua Pessoa como Filho sempre permanece insondável. Seu nome é escrito, para que saibamos que é inconhecível – não apenas não conhecido, mas inconhecível.”* Essas palavras de peso merecem a consideração cuidadosa do leitor – especialmente no momento presente – pois contêm um lembrete saudável da inescrutabilidade da Pessoa do Filho.

Primeiro vem o nome escrito, desconhecido por todos, exceto ao seu divino Possuidor, e então, em conexão com a veste salpicada de sangue, é dito: **“E o nome pelo qual Se chama é a Palavra de Deus”**. Isso deve ser cuidadosamente diferenciado do que é encontrado no primeiro versículo do evangelho de João. O **“Verbo”** ali, que estava com Deus, e que era Deus, se for tomado por enquanto como um título divino, não pode significar menos do que isso (como bem foi dito), *“Ele é, e Ele é a expressão de toda a mente que subsiste em Deus”*, e isso absolutamente relacionado a tudo o que Deus é. Mas em nossa passagem, embora a “Palavra de Deus” seja a revelação do que Deus é, ela é a revelação de Deus em um aspecto ou caráter especial. Os próprios detalhes de Sua aparição do céu, assentado em um cavalo branco, deixa isso claro. Não há uma palavra de ternura, graça ou afeição, Ele é

“chamado Fiel e Verdadeiro, e julga e peleja com justiça. E os Seus olhos eram como uma chama de fogo... E estava vestido de uma veste salpicada de sangue”, etc. Tudo fala de julgamento santo e implacável, de julgamento de acordo com o padrão de um Deus justo; como de fato é dito: **“Ele mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-poderoso”** (v. 15). É de tudo isso, de Deus assim apresentado, que Cristo como a Palavra de Deus é a revelação. Assim, nos evangelhos, por exemplo, embora Cristo sempre tenha sido Deus manifestado em carne, Ele o foi no aspecto às vezes de poder, às vezes de graça – às vezes como luz e às vezes como amor. Mas de qualquer maneira, Ele expressou o que era divino, Ele nunca foi menos do que tudo o que Ele é.

Ainda outro nome é dado; no versículo 16 é dito: **“E na veste e na Sua coxa tem escrito este nome: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES”**. O contexto explica imediatamente a força desse título, mostrando que, em harmonia com todo o livro, ele tem relação com a Terra. No versículo anterior, somos informados de que Ele ferirá as nações e as governará com uma vara de ferro, e o nome, ou título, que estamos considerando, indica que é consequente a isso que nosso Senhor estabelecerá Seu trono de supremacia universal sobre a Terra. Já exaltado à direita de Deus, **“havendo-se-Lhe sujeitado os anjos, e as autoridades, e as potências”**, Ele será no dia de que fala nossa passagem, exaltado também neste mundo, quando Ele **“dominará de mar a mar, e desde o rio até às extremidades da Terra”**. Será o cumprimento da promessa: **“Também por isso Lhe darei o lugar de Primogênito; fá-Lo-ei mais elevado do que os reis da Terra”** (Sl 89:27).

Ao mostrar o prazer do Espírito de Deus em direcionar nossa atenção para a glória futura de Cristo neste mundo, pode-se mencionar que duas vezes antes neste livro ela foi apresentada. No início, no discurso de João às sete igrejas, lemos: **“e da parte de Jesus Cristo, que é a Fiel Testemunha, o Primogênito dos mortos e o Príncipe dos reis da Terra”**. É o passado de nosso

bendito Senhor, o que Ele era quando estava aqui embaixo como a Fiel Testemunha; é o presente, o que Ele é como ressuscitado dos mortos, o Primogênito; e é o futuro, o que Ele será quando Ele tiver tomado Seu grande poder, e quando todos os principados da Terra prestarem homenagem a Seus pés como Senhor de todos eles. No capítulo 11, encontramos também a mesma era abençoada. Quando **“tocou o sétimo anjo a trombeta, e houve no céu grandes vozes, que diziam: Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do Seu Cristo,⁶ e Ele reinará para todo o sempre”** (v. 15). No presente momento, **“toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora”**, naquele dia, **“também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus”**; o efeito da justiça será paz, e a operação da justiça, repouso e segurança, para sempre.

Tal é o futuro abençoado que aguarda a Terra, mas antes que isso possa chegar, todos os crentes deste período terão sido arrebatados nas nuvens para encontrar o Senhor nos ares. As bodas do Cordeiro, como vimos em nosso capítulo, precede a Aparição do Senhor. A esperança da Igreja, portanto, é a vinda do Senhor para os Seus santos. Para isso, esperam diariamente em comunhão com Seu próprio coração. Estar com Ele será a consumação de seu gozo, na medida em que será Seu gozo apresentar Sua noiva a Si mesmo, que encherá o coração deles e transbordará em louvor perpétuo a Seus pés. Mas a visão deles não é limitada por essa perspectiva, por mais gloriosa que seja, pois eles aguardam ansiosamente também Sua Aparição em glória, não porque, na graça de seu Deus, eles serão manifestados na mesma glória que Ele, mas sim porque chegará o tempo em que seu Senhor, que uma vez foi rejeitado e crucificado, será publicamente exaltado e entronizado como Rei dos reis e Senhor dos senhores. Sim -

*“Nossos olhos ansiosos gostariam de contemplar
Aquela bendita fronte brilhante,*

*Outrora envolta com a mais amarga angústia,
Usar Sua coroa de glória agora".*

Parte 11 – Nome em Suas Testas

Esta última menção de **“Seu nome”** está em conexão com os santos glorificados. Há, no entanto, outro grupo de santos que nos é mostrado com esta marca característica, com o acréscimo de **“o nome de Seu Pai”**. As palavras são omitidas na tradução King James e na Almeida Fiel, mas, na medida em que são aceitas em outras versões (JND, ARC, ARA, TB, AIBB), bem como nas traduções mais recentes, elas podem ser recebidas com toda a confiança como genuínas. Pela versão Almeida corrigida somos apresentados a um grupo de santos, cento e quarenta e quatro mil em número, que estão com o Cordeiro enquanto Ele está no Monte Sião – **“tendo o Seu nome, e o nome de Seu Pai, escrito em suas testas”** (Ap 14:1). Que este grupo ocupa um lugar especial de bem-aventurança é visto no contexto e, de fato, na declaração expressa de que eles **“seguem o Cordeiro para onde quer que vá”**.

Se perguntarmos quem são eles, isso nos ajudará a entender a importância do nome escrito em suas testas. É muito claro que eles são santos terrenos, e não celestiais. No capítulo anterior, temos permissão para ver o terrível poder de Satanás como incorporado no governo e autoridade da primeira besta, e como exercido pela segunda, que é o homem do pecado – o anticristo. É essa encarnação do mal que fará com que todos dentro da esfera de sua autoridade recebam uma marca na mão direita, ou na testa, como indicativo de sua lealdade à besta. Pode parecer que o mal triunfou completamente, mas a abertura do capítulo 14 nos revela uma multidão que, redimida da Terra e durante o reinado do mal desenfreado, está associada às glórias do Cordeiro na própria sede de Seu reino terrestre. Então, lembrando que é em Jerusalém onde o anticristo exercerá seu poder delegado, é evidente que esse grupo, com o Cordeiro no Monte Sião, é composto de santos Judeus que, quaisquer que sejam

suas tristezas, foram trazidos vitoriosamente por meio da fogueira ardente da angústia de Jacó, aquele tempo de grande tribulação, como nunca foi visto, ou será testemunhado.

Mas não é suficiente dizer que eles são santos Judeus, pois lemos sobre outros cento e quarenta e quatro mil no capítulo 7 – formados por doze mil de cada tribo. Esses são o número simbólico dos eleitos de todo o Israel, mas aqueles em nosso capítulo, devemos nos lembrar, são redimidos da esfera do domínio do anticristo, e, portanto, uma vez que apenas as duas tribos estarão na terra naquele período, é outro número simbólico, composto daqueles que foram preservados pela graça de se renderem às reivindicações e ameaças do anticristo e de suas contaminações morais. Eles são, de fato, os fiéis dentre Judá e Benjamim, que agora entraram na recompensa gloriosa da companhia do Cordeiro em Sua exaltação no reino. O próprio número (como no capítulo 7), doze vezes doze, fala de perfeição intensificada em administração governamental e, portanto, do reinado perfeito do Messias. É uma cena sem nuvens, de gozo e bênção, a promessa brilhante da questão de todos os caminhos de Deus em governo e na graça, que nos é permitido contemplar, antes que a tempestade desoladora do julgamento irrompa sobre um povo apóstata e um mundo rebelde.

O que, então, podemos perguntar agora, qual a importância de Seu nome, e o nome de Seu Pai, na testa desse abençoado grupo? Duas coisas distintas são indicadas, como é evidente pelo fato de terem o nome do Cordeiro e o nome de Seu Pai. O primeiro é um contraste com o que se encontra no capítulo anterior. Lá lemos, como já vimos, que os homens em geral recebem a marca da besta em sua mão direita, ou em suas testas, como o símbolo de sua aceitação do governo satânico, e como, dando-lhes certos direitos e privilégios dentro de seu reino. Da mesma forma, ter o nome do Cordeiro em suas testas proclama que este grupo redimido, as **“primícias para Deus e para o Cordeiro”**, pertence ao seu glorioso Messias, e que eles mantêm sua fidelidade a Ele em meio às dores incomparáveis das trevas, e

dias de perseguição por meio dos quais são levados. Odiados, são assim publicamente reconhecidos e honrados com marcas especiais de favor e aprovação por Aquele por Quem sofreram. Além disso, eles têm o nome de Seu Pai, pois *“por sua confissão aberta de Deus e do Cordeiro, eles foram testemunhas disso e sofreram como Cristo sofreu em Sua vida ao declarar Deus, como Seu Pai”*.

Passamos agora para outra cena. Aquilo que acabamos de considerar está na Terra, no Monte Sião; esta é a Jerusalém celestial. É verdade que a cidade santa é apresentada em sua relação com a Terra milenar, pois é dito que as folhas da árvore da vida são para a cura das nações. Mas quando chegamos à descrição da bem-aventurança de seus habitantes em seu caráter positivo, isso necessariamente é eterno. É notável que o estado eterno, conforme dado no capítulo 21:4, seja apresentado do lado do alívio – **“não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor”** – e que na cidade celestial temos antes o que é realmente possuído e desfrutado. Mas, mesmo assim, deve ser lembrado que não é a casa do Pai, de modo que, de acordo com o caráter de todo o livro, ainda é governo (veja v. 3), e, portanto, os redimidos aqui são vistos como servos. É proveitoso observar essas distinções, e somos lembrados por elas de que todos os aspectos da bem-aventurança dos redimidos devem ser levados em consideração e combinados, a fim de entender em qualquer medida o que Deus tem reservado para Seu povo quando todos os Seus propósitos forem cumpridos.

Então, três coisas marcam a condição dos cidadãos celestiais: **“Os Seus servos O servirão, e verão o Seu rosto, e na sua testa estará o Seu nome”**. Eles O serviram na Terra, pode-se pensar, e muitos entre eles realmente O serviram devotamente, assim como Paulo foi habilitado a dizer: **“em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus”** (ARA). Mas qualquer que fosse a perseverança, a energia espiritual e a

singeleza de olhos que caracterizassem Paulo e outros enquanto estavam na Terra, o serviço deles nunca foi perfeito. Havia apenas Um, o Servo perfeito, que podia dizer: **“Eu faço sempre o que Lhe agrada [ao Pai]”**. No céu, na nova Jerusalém, cada um das incontáveis multidões de redimidos responderá total e perfeitamente à vontade de Deus. Quando, portanto, diz: **“Seus servos o servirão”**, isso significa que eles servirão de acordo com a perfeição dos pensamentos de Deus. Além disso, eles verão Seu rosto, eles desfrutarão sem impedimentos da intimidade de Sua presença, pois então, como Cristo, eles O verão como Ele é e poderão desfrutar da bendita visão que será a fonte de todo o deleite e gozo eterno deles.

*“Para sempre em Seu rosto contemplar,
Encontrar todos os raios concentrados,
Enquanto toda a Sua beleza Ele exhibe
A todos os santos em glória.”*

Finalmente, e este é o nosso assunto imediato, **“e na sua testa estará o Seu nome”**. Já foi demonstrado que o significado primário do nome carregado assim sobre a testa é, por assim dizer, pertencimento; que marca aqueles que o têm como pertencentes a Cristo. E isso transmite muito, pois ser d'Ele é realmente a soma da bem-aventurança eterna, na medida em que nos leva à associação eterna com Ele, tanto agora quanto no próprio céu. Há, no entanto, outro pensamento. No capítulo 14, o nome está **“escrito”** em suas testas, aqui só se diz que está em sua testa. Aprendemos dessa distinção que aqui a característica predominante é a conformidade moral com Aquele cujo nome eles levam. Como visto repetidas vezes nesses escritos, “nome” expressa a verdade da Pessoa, e, portanto, consideramos aqui que a plena semelhança com Cristo é exibida em cada testa redimida. Aprendemos em outra passagem (Rm 8:29) que todos os crentes serão conformados à imagem do Filho de Deus, e aqui podemos ver isso de fato cumprido. Que gozo, possamos ser permitidos dizer, será para o próprio Senhor ver, enquanto Ele examina as inúmeras hostes de Seus santos glorificados, Sua

própria semelhança irradiando de cada rosto, Ele mesmo espelhado e refletido em todos os redimidos! Isso nos ajuda a entrar mais plenamente nas palavras do profeta: **“Ele verá o trabalho de Sua alma e ficará satisfeito”**. Então, de fato, Cristo encherá a cena. As coisas velhas terão passado para sempre, e todas as coisas serão feitas novas, pois assim, não para a fé como agora, mas em realidade, Cristo será tudo para todos os Seus, e isso em plena manifestação e sem nuvens. A Ele seja todo o louvor agora e por toda a eternidade!

Parte 12 – Tu Permaneces

Ao longo de todo este ano, estivemos ocupados com o nome que está sobre todo nome, expressando as várias glórias e excelências de nosso bendito Senhor e Salvador. Tem sido nosso deleite passar de uma fase para outra de Suas infinitas perfeições, e chamar a atenção para Ele como Aquele em Quem todos os pensamentos e caminhos de Deus estão centralizados, e como Aquele, também, que é a porção permanente e eterna do coração do crente. Ficar maravilhado com a contemplação de Cristo, como a rainha de Sabá ficou na presença da glória de Salomão, é antecipar o gozo do céu. Mas para entrar em qualquer medida disso, devemos seguir nosso bendito Senhor – e isso só pode ser por meio da morte e ressurreição moralmente conhecidas – no Santo dos Santos, onde Ele habita. Somente ali podemos, com o rosto descoberto, contemplar a glória do Senhor, e ser transformados, de glória em glória, na própria imagem, como pelo Espírito do Senhor. Como é Seu próprio desejo ter Seu povo amado assim na intimidade de Sua própria presença, que Ele possa gerar em todos nós aquele propósito de coração que nos levará a dizer como o salmista: **“Uma coisa pedi ao SENHOR e a buscarei: que possa morar na casa do SENHOR todos os dias da minha vida, para contemplar a formosura do SENHOR e aprender no Seu templo”**.

Em nosso presente assunto, somos convidados a considerar Sua imutabilidade, em contraste com o caráter transitório deste mundo. Na medida em que nosso corpo está ligado a esta criação, que ainda **“geme e está juntamente com dores”**, há momentos em que somos oprimidos com a percepção de corrupção e morte que estão escritas em toda a cena. Já sob julgamento, essa criação logo desaparecerá, pois **“os céus e a Terra que agora existem pela mesma Palavra se reservam como tesouro e se guardam para o fogo, até o Dia do Juízo e da**

perdição dos homens ímpios” (2 Pe 3:7). As próprias obras das mãos do Senhor também perecerão, como uma veste, Ele mesmo as enrolará, e elas serão mudadas. Para a pergunta: Por quê? A resposta é: A primeira criação compartilhará a condenação do primeiro homem. Por um pequeno período, em testemunho dos direitos e da glória do Filho do Homem, ela será libertada da escravidão da corrupção para a liberdade da glória dos filhos de Deus, mas o julgamento pronunciado sobre ela, embora adiado, é final e irrevogável.

É, portanto, um imenso consolo ser lembrado de que o próprio Senhor, o Criador, permanece para sempre. O retrospecto do tempo, que sempre é retratado em nossa atenção no final de um ano, a constante partida daqueles que conhecemos e amamos, os sinais de mortalidade que encontram nosso olhar a cada passo – todas essas coisas poderiam encher nosso coração de apreensão e tristeza, se nossa visão fosse limitada pelo horizonte do tempo. Mas, graças a Deus, temos a ver com uma Pessoa que está acima e além de qualquer mudança, com Aquele que é sempre o Mesmo e cujos anos nunca terão fim, e Ele é conhecido por nossa alma como Salvador, Redentor e Senhor. É, de fato, uma característica do Cristianismo que estejamos presos – abençoadamente presos – a uma Pessoa divina e para uma Pessoa divina que, tendo estado aqui como Homem no meio dos homens, conhece todas as nossas necessidades e tristezas. No mesmo Salmo que o apóstolo cita, encontramos, de fato, os sentimentos aos quais foi feita alusão. Isso encorajará nosso coração a considerar um pouco sobre o que está registrado.

Em primeiro lugar, é preciso apontar que o título divino do Salmo (102) é, ***“Oração do aflito, vendo-se desfalecido, e derramando a sua queixa perante a face do SENHOR”***, e que seja lembrado que ***“o Aflito”*** aqui é nada menos que a Pessoa do Messias no meio de Sua tristeza e rejeição. Mas passando pelas circunstâncias especiais em que Ele é visto aqui, e chegando ao nosso assunto imediato, Ele diz no versículo 23: ***“Abateu a Minha força no caminho; abreviou os Meus dias”***. E então, voltando-se

para Deus, Ele diz: **“Deus Meu, não Me leves no meio dos Meus dias, Tu, cujos anos alcançam todas as gerações”**. Como nosso coração é atraído para nosso precioso Salvador, quando temos a permissão para contemplá-Lo em circunstâncias tão semelhantes àquelas em que nós mesmos nos encontramos; perceber que Ele, ao Se tornar Homem, foi sobrecarregado com o sentimento e a experiência de fraqueza e da brevidade da vida humana. Sim, como lemos em outro lugar, Ele foi tentado em todos os pontos, como nós somos, sem pecado; e é por isso mesmo que Ele está qualificado para Se compadecer de nós em nossas enfermidades e para nos ministrar o socorro necessário. Bendito seja para sempre o Seu santo nome!

Consideremos, no entanto, a resposta ao Seu clamor. Começa com o versículo 25: **“Desde a antiguidade fundaste a Terra; e os céus são obra das Tuas mãos. Eles perecerão, mas Tu permanecerás; todos eles, como uma veste, envelhecerão; como roupa os mudarás, e ficarão mudados. Mas Tu és o mesmo,⁷ e os Teus anos nunca terão fim”**. Podemos dizer reverentemente que Deus, em resposta ao clamor de angústia de Seu ungido, O lembra de Sua criação, e então, que se todas as obras de Suas mãos pudessem perecer, Ele permaneceria; que, em contraste com a mudança, decadência e dissolução da criação, Ele, embora em circunstâncias de fraqueza e tristeza, era, em Seu próprio Ser, O imutável. Tal linguagem só pode ser entendida à luz do mistério de Sua Pessoa, mas o ponto que desejamos agora enfatizar é que o conforto e o sustento ministrados à Sua santa alma estavam em conexão com a eternidade e a imutabilidade de Seu próprio Ser. Mais não pode ser dito; mas oh! Quão perto Ele se aproxima de nós em nossa fraqueza quando lemos essa **“Oração dos aflitos”** e aprendemos o caráter da resposta que Ele recebeu.

Há outra coisa a ser observada. Como o Autor de nossa salvação, Ele foi aperfeiçoado por meio de sofrimentos, e assim Se tornou o perfeito Exemplo para todos os Seus santos aflitos e provados. Mas a maravilha é que a consolação ministrada a Ele enquanto

trilhava o caminho da rejeição, quando, em toda a aparência exterior, Ele trabalhou em vão e gastou Suas forças por nada, é da mesma natureza que aquela consolação ministrada a nós em nosso caminho de peregrinação. É-Lhe dito, como no Salmo, de Seu Ser imutável? Da mesma forma, somos lembrados, enquanto passamos por este mundo mutável, que Ele permanece e que Ele é sempre o mesmo – o mesmo no decorrer de todos os séculos do tempo, como no decorrer das imensuráveis eras da eternidade. Somos assim colocados sobre uma Rocha – uma Rocha que nada pode nunca abalar e sobre a qual, repousando em perfeita paz, podemos contemplar a dissolução de todas as coisas, sem uma única apreensão. Cristo permanece, mesmo que percamos tudo o mais; devemos antes dizer: que tudo o mais desapareça do nosso olhar, pois não queremos *nada*, porque possuímos Cristo.

Tudo isso apenas nos ensina que já pertencemos a outra cena, que é tão imutável quanto Cristo é imutável. Foi nessa lição que o Senhor instruiu tão cuidadosamente Seus discípulos. Em João 13, por exemplo, todo o significado de Ele lavar os pés deles pode ser assim expresso: "Se Eu não posso mais permanecer com vocês em suas circunstâncias, Eu lhes mostrarei como vocês podem seguir e ter parte Comigo naquele novo lugar para o qual estou indo". Assim também, quando Maria Madalena O teria detido aqui, Ele disse: **"Não Me toques; pois ainda não subi a Meu Pai; mas vai a Meus irmãos e dize-lhes: Subo a Meu Pai, e a vosso Pai; e a Meu Deus, e a vosso Deus"**. É a mesma lição de outra maneira. Ele coloca Seus discípulos, por essa mensagem, em Seu próprio lugar e relacionamento em associação Consigo mesmo, e isso é necessariamente no céu. Não apenas, portanto, pertencemos a outra cena – a que está fora deste mundo – mas o Senhor gostaria que O seguissemos até ela e estivéssemos em Sua companhia lá, mesmo enquanto pisávamos nas areias do deserto.

"Tu permaneces" é, portanto, cheio de sustentação e encorajamento benditos. Não só nos proporciona um fundamento

seguro e inabalável em meio a mudanças e inquietações, mas também atrai nosso coração para aquele novo lugar e aquela nova ordem de coisas, que Ele formou e inaugurou em virtude de Sua morte e ressurreição, e onde Ele mesmo é o Centro de toda a glória que inunda toda a cena. Pois, como lemos em outro lugar, Ele subiu muito acima de todos os céus, para encher todas as coisas. Bem, então podemos aceitar a morte sobre todas as coisas aqui, pois já a luz de outro mundo despontou sobre nossa alma – um novo mundo onde nem a mudança, nem a tristeza, nem a morte podem entrar, e onde estaremos para sempre com Cristo e conformados à Sua própria imagem. Dessa nova criação, Ele é o Princípio, como o Primogênito dentre os mortos, e *Ele permanece*. Sim, como é permitido nos dirigir a Ele, **“Tu és o mesmo, e Teus anos não terão fim”**.

Em conclusão, o escritor perguntaria afetosamente se o leitor está conscientemente repousando sobre Aquele que é o mesmo ontem, hoje e para sempre. Não há outro fundamento para a nossa alma diante de Deus. Com base nisso, estamos seguros tanto para o tempo quanto para a eternidade, pois Deus é então por nós; e se Ele é por nós, quem pode ser contra nós?

E. Dennett

Notas

[←1]

N. do T.: A palavra na versão King James é "*made* (feito ou formado)" e sobre ela o autor escreve a seguinte nota: "*'Vindo' ou 'nascido' seria uma melhor tradução. A palavra usada significa o início da existência de qualquer coisa, ou tornar-se qualquer coisa, ou acontecer, etc*".

[←2]

N. do T.: A leitura revisada refere-se a um texto grego diferente do "*textus receptus*".

[←3]

N. do A.: Alguns manuscritos indicam "**o**" (adotado pela AIBB, TB e ARA) em vez de "**um**" nome (adotado pela ARC e ACF), e a Versão Revisada (inglesa) adotou isso.

[←4]

N. do T.: É um distinto ponto. O Sr. Dennett está chamando a atenção para uma questão técnica sobre a expressão "*becoming obedient*" (JND) ("sendo obediente"). A importância do ponto não é apenas o fato de que Ele fez isso (foi obediente até à morte), mas a ênfase está em Seu comportamento enquanto fazia isso (sendo obediente). A beleza da Sua obediência brilha enquanto que Ele estava fazendo isso (morrendo). Esta é a mente (sentimento) de Cristo que é colocada diante de nós. Tem a ver com Sua atitude enquanto o fazia. Uma pessoa pode expressar desdenho e se render à morte sem fazê-lo nobremente. Cristo foi perfeito até na maneira como obedeceu.

[←5]

N. do T.: (No inglês, diferentemente do português, não há necessidade de usar preposições adicionais com o verbo crer (*believe*) – como em Romanos 4:3 – JND e KJV ***“Abraham believed God”*** – Abraão creu Deus)

[←6]

N. do A.: Uma tradução melhor traz: **“O reino do mundo de nosso Senhor e de Seu Cristo é vindo”** (JND).

[←7]

N. do A.: Como apontado no capítulo 1, as palavras Atta Hu, traduzidas como **“Tu és o mesmo”**, sempre foram consideradas como tendo a força de um título divino.